



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS TRADUÇÃO

A EXPERIÊNCIA DE TRADUZIR CHEIKH ANTA DIOP:  
NATIONS NÈGRES ET CULTURE  
DE L'ANTIQUITÉ NÈGRE ÉGYPTIENNE AUX PROBLÈMES CULTURELS DE  
L'AFRIQUE NOIRE D'AUJOURD'HUI.

ANA CAROLINE FERREIRA LEITE

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO  
ORIENTADORA: ALICE MARIA ARAUJO FERREIRA  
2019/2

ANA CAROLINE FERREIRA LEITE

A EXPERIÊNCIA DE TRADUZIR CHEIKH ANTA DIOP:  
NATIONS NÈGRES ET CULTURE  
DE L'ANTIQUITÉ NÈGRE ÉGYPTIENNE AUX PROBLÈMES CULTURELS DE  
L'AFRIQUE NOIRE D'AUJOURD'HUI.

Monografia apresentada ao curso  
de bacharelado em Letras Tradução Francês  
do Instituto de Letras  
da Universidade de Brasília  
como requisito a obtenção  
do título de Bacharel em Tradução.

ORIENTADORA: Profa. Dra. ALICE MARIA ARAÚJO FERREIRA

## RESUMO

Este trabalho apresenta a tradução de paratextos selecionados dentro da obra *Nations Nègres et Culture*, de Cheikh Anta Diop e um estudo sobre o ato tradutório. A obra, publicada em 1954, na França, apresenta a tese de Diop acerca da origem preta da civilização egípcia, bem como reflexões sobre o uso de línguas africanas e um comparativo com a língua francesa. O objetivo desse trabalho é tornar mais acessível o estudo do autor e sua importância na construção da identidade africana, contribuindo assim para produções acadêmicas e demais interessados. Para a discussão do processo tradutório, o texto apresenta o percurso de construção intelectual e acadêmica do autor, a relevância da editora do livro, *Présence Africaine*, o contexto de publicação da primeira edição da obra, a tradução como atividade, o uso de ferramentas de tradução e terminologias do contexto cultural africano.

**Palavras-chave:** Tradução; África; Egito; Cheikh Anta Diop; Paratexto.

## **RÉSUMÉ**

Ce travail présente la traduction des paratextes sélectionnés dans l'œuvre Nations Nègres et Culture, de Cheikh Anta Diop et une étude sur acte de traduire. L'œuvre, publiée en 1954, en France, présente la thèse de Diop sur l'origine noire de la civilisation égyptienne, ainsi que des réflexions sur l'usage des langues africaines et une étude comparative avec la langue française. L'objectif de ce travail est de partager l'étude de l'auteur et son importance dans la construction de l'identité africaine, et ainsi contribuer aux productions universitaires et autres. Pour la discussion sur le processus de la traduction, le texte présente le parcours de construction intellectuelle et universitaire de l'auteur, le rôle de la maison d'édition du livre, Présence Africaine, le contexte de publication de la première édition, la traduction comme une activité, l'usage d'outils de traductions et terminologies du contexte de la culture africaine.

**Mots-clés :** Traduction ; Afrique ; Égypte ; Cheikh Anta Diop ; Paratexte.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: projeto político e ético. ....	6
2. CAPÍTULO 1: O AUTOR, A EDITORA E O LIVRO .....	8
2.1 CHEIKH ANTA DIOP .....	8
2.3 A EDITORA <i>ÉDITIONS PRÉSENCE AFRICAINE</i> .....	13
2.4 LIVRO.....	14
2.5 OS PARATEXTOS.....	15
3. CAPÍTULO 2: PENSAR A TRADUÇÃO COMO ATIVIDADE.....	19
3.1 O USO DE FERRAMENTAS DE TRADUÇÃO.....	22
3.2 REFLEXÕES SOBRE A TERMINOLOGIA.....	23
3.2.1 O Uso do termo “preta/o” ou “negra/o” .....	23
3.2.2 OUTRAS PROBLEMÁTICAS.....	26
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	28
ANEXOS.....	29
TEXTOS ORIGINAIS – FRANÇAIS .....	29
ANEXO 1 - Couverture.....	29
ANEXO 2 - SOMMAIRE .....	30
ANEXO 3 -TABLE DES ILLUSTRATIONS .....	33
ANEXO 4 – PRÉSENTATION (1979).....	34
ANEXO 5 – PREFACE (1954).....	35
ANEXO 6 – PREFACE (1964).....	43
ANEXO 7 – AVANT-PROPOS .....	44
ANEXO 8 - INTRODUCTION .....	47
ANEXO 9 – NOTICES BIOGRAPHIQUES .....	48
ANEXOS TRADUÇÃO EM PORTUGUÊS PARA FINS DE PESQUISA .....	53
ANEXO 10 - CAPA.....	53
ANEXO 11 – SUMÁRIO .....	54
ANEXO 12 – APRESENTAÇÃO (1979).....	58
ANEXO 13 – PREFÁCIO (1954).....	59
ANEXO 14 – PREFÁCIO (1964).....	68
ANEXO 15 - PREÂMBULO.....	70
ANEXO 16 - INTRODUÇÃO .....	72
ANEXO 17 – NOTAS BIOGRÁFICAS .....	74
ANEXO 18 - TABELAS.....	79
BIBLIOGRAFIA.....	90

## 1. INTRODUÇÃO: PROJETO POLÍTICO E ÉTICO.

Este trabalho é o resultado de muitas pesquisas não somente sobre o autor, a obra, o traduzir, o ler, o escrever. Foram pesquisas que começaram na decisão do tema. O objetivo era trazer um assunto que fosse relevante para minha formação pessoal e acadêmica assim como algo relevante para a comunidade.

Após limitar o tema em obras africanas, horizontes novos se abriram. Primeiramente, a compreensão da relação histórica entre Brasil e África. Logo em seguida, percebemos a quantidade ainda pequena de obras africanas traduzidas. A busca por algo que pudesse ser relevante no momento atual, começou em um mar de opções, com poucas informações disponíveis sobre os tipos de literaturas.

Após a leitura e discussão da obra de Frantz Fanon *Pele Negra, Máscaras Brancas*, durante o curso de Pensamento Negro Contemporâneo, ministrado pela professora Givânia Maria da Silva e Joaquim Pinheiro na Universidade de Brasília, percebemos evidente a importância e a urgência em trazer escritores africanos para integrar a sociedade brasileira, já que nossos referenciais de intelectuais negros brasileiros ainda são limitados, mas em constante crescimento. Após uma pesquisa sobre os contemporâneos de Fanon, encontramos Diop, com seus estudos surpreendentes sobre o Egito negro.

A maior surpresa foi quando percebemos que a teoria de 1954 de Diop ainda não tinha se tornado conhecimento popular. Em uma primeira leitura da obra, percebemos a necessidade de compreender os períodos e os principais nomes da história do Egito, questão pouco explorada no Brasil. Ao perceber desde o início a dificuldade em encontrar material em língua portuguesa, foi esse o ponto mais importante para definir essa pesquisa.

Talvez pelo isolamento linguístico brasileiro na América do Sul, por a língua portuguesa não ser tão usada quanto o inglês e o francês no mundo, pela falta de interesse, ou até mesmo pelo interesse em não difundir a civilização egípcia no Brasil, nos encontramos de certa forma, excluídos das discussões sobre o tema. Esse trabalho buscou aproximar o continente africano do nosso país, trazendo as discussões sobre a origem da civilização, a origem do povo africano e a falsificação histórica para a língua portuguesa e principalmente poder disponibilizar esse material para que estudiosos possam acessar as primeiras ideias revolucionárias de um nome tão importante quanto Cheikh Anta Diop.

Para organizar essa pesquisa, dividimos nosso texto em duas partes. A primeira apresenta uma narrativa dos fatos importantes para a formação do escritor de grande destaque na pesquisa acadêmica. Seguido por uma apresentação sobre a editora na qual Cheikh Anta Diop publicou quase todas suas obras e como essa editora foi e continua

sendo importante na divulgação da cultura negra pelo mundo. Ela também mereceu destaque no nosso texto, com uma apresentação da sua evolução e da história de seu criador. Finalizando essa primeira parte apresentamos o livro *Nações Pretas e Cultura* e como ele se organiza.

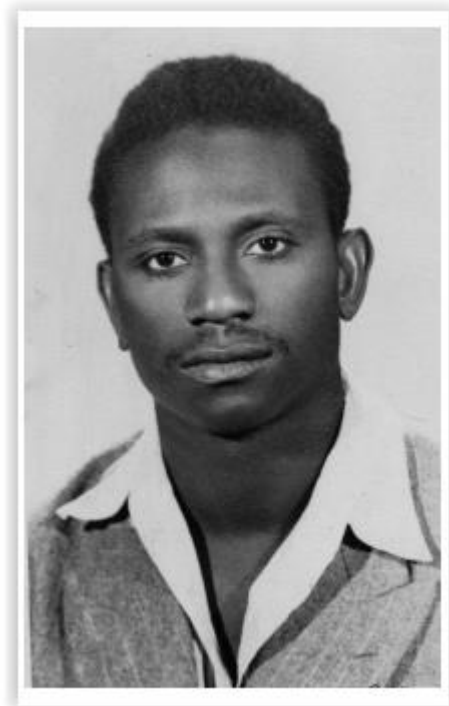
É importante ressaltar desde aqui, a escolha na tradução do título da obra. A palavra “pretas” causa um certo desconforto social no Brasil. Assim como a palavra “*Nègres*” em francês. A partir das pesquisas levantadas, observamos o uso ainda tímido do termo na academia. Assim também percebemos que o cenário acadêmico brasileiro que antes foi dominado por pessoas brancas, tem apresentado mudanças importantes na integração de novos olhares sobre a realidade. E esse novo olhar também aparece nas novas produções. Assim como Diop, procuramos o mesmo tom, tanto na escrita da análise quanto na tradução para a diferenciação dos termos “negra/o” e “preta/o”.

Na segunda parte, discutiremos como se deu o processo tradutório. Como esse trabalho necessitou de profundidade nas pesquisas. Em primeiro momento, apresentamos a experiência como leitora de um texto africano publicado na França. Observamos a forma técnica e detalhada no desenrolar das ideias. Decidimos trabalhar com paratextos selecionados, fizemos uma reflexão sobre a presença destes na publicação francesa, com base em Genette (2009).

Em segundo momento, foi feita uma reflexão sobre o processo tradutório dos paratextos selecionados e sobre o uso desses textos em uma publicação no Brasil. Abordamos também, uma reflexão sobre a experiência tradutória, sobre o cuidado em não deixar a língua portuguesa limitar o pensamento do autor. Trouxemos reflexões com base Berman sobre a Tradução e a Letra e Benjamin quando ele discute a Tarefa do Tradutor. Nesse momento, compartilhamos algumas reflexões que o próprio Diop traz em sua obra, sobre o uso da língua do colonizador e como ela dominou e limitou o pensamento dos colonizados.

## 2. CAPÍTULO 1: O AUTOR, A EDITORA E O LIVRO

### 2.1 CHEIKH ANTA DIOP



Cheikh Anta Diop nos anos 1940 em Paris.

(Imagem retirada da cartilha – Colocar fonte ABNT)

Cheikh Anta Diop foi escritor, antropólogo, linguista, historiador e químico. Com um vasto currículo de estudos sobre o continente africano, principalmente sobre a origem negra dos povos egípcios. Em sua formação, ele procurou aprofundar em vários domínios diferentes. Ele pode trazer os conhecimentos adquiridos na Europa, para montar o primeiro laboratório de datação do Carbono 14 para o Senegal, seu país de origem.

Além de trazer esses conhecimentos para o continente africano, palestrando em vários países do continente, ele também compartilhou seus conhecimentos nos Estados Unidos, onde foi estabelecido o dia de Cheikh Anta Diop. Para ter essa receptividade internacional a construção de seu currículo acadêmico e político não pode ser apagado.

Decidimos fazer uma pesquisa detalhada sobre a construção desse currículo, principalmente devido à dificuldade em encontrar material em língua portuguesa. Encontramos debates, entrevistas do próprio Cheikh Anta Diop, palestras disponíveis em vídeo, em que ele tratava dos assuntos desenvolvidos em seus livros, porém pouca informação ou informações desconstruídas sobre sua formação. Utilizamos como base nesse estudo, a cartilha publicada em 2018, em Recife, Pernambuco, com parceria entre a República do Senegal, a República do Mali, a Universidade Cheikh Anta Diop, a revista Ankh, entre outros, com tradução de Humberto Luiz Lima de Oliveira. Aprofundamos os



dados no site da revista Ankh que possui uma parte dedicada a descrição da vida e obra de Cheikh Anta Diop em língua francesa.

Diop nasceu em 1923 em Caytu, na região de Diourbel, Senegal. Fez seus primeiros estudos nessa cidade e completou seu ensino médio em Dacar, capital do Senegal. Durante o ensino médio teve duas reprovações, quase causando sua expulsão da escola. Conforme carta de denúncia escrita em 1941 por funcionário de sua escola, a hostilidade do professor Boyaud foi o que motivou essas reprovações. A carta menciona que este professor era discípulo de Arthur de Gobineau, escritor e diplomata francês pioneiro nos estudos sobre eugenia e racismo, criador do mito da raça ariana que influenciou posteriormente o nazismo alemão. Apesar das dificuldades nesse percurso, Diop foi para a Universidade de Paris cursar matemática. Na espera do início do ano letivo, ele se matriculou no curso de filosofia na Faculdade de Letras da Sorbonne. Em paralelo, manteve seus estudos sobre as línguas uolofe e serere, faladas em seu país natal.

Em 1948, ele finalizou o curso de filosofia e publicou seu primeiro artigo chamado “Estudo linguístico wolof – origem da língua e da raça valaf” (*Étude linguistique ouolove – Origine de la langue et de la race valaf*), na revista recém-criada *Présence Africaine*. No mesmo ano, ele também publica em edição especial, na revista chamada “*Le Musée Vivant*”, o artigo “Quando poder-se-á falar de um renascimento africano?” (*Quand pourra-t-on parler d’une renaissance africaine?*), onde ele propõe pela primeira vez construir as humanidades africanas a partir do Egito antigo. No ano seguinte, ele se matriculou no curso de doutorado da Sorbonne com o título de tese “O futuro cultural do pensamento africano” (*L’avenir culturel de la pensée africaine*”).

Em 1950, obteve dois diplomas de química: química geral e aplicada. No mesmo ano, ganhou impulso nas atividades políticas e passou a integrar a RDA – Reunião Democrática Africana, deixando transparente seu objetivo de libertação do continente africano. É importante frisar que nesse momento poucos países do continente conquistaram sua independência. Neste ano, ele retornou ao Senegal para realizar várias conferências que chamaram atenção da imprensa local. As temáticas giravam em torno da necessidade e possibilidade de estabelecer o ensino escolar em língua materna e os fundamentos culturais de uma civilização africana moderna. Retornando a Paris, ele acrescenta na temática da sua tese secundária “Quem eram os egípcios pré-dinásticos”. No mesmo período, Diop decidiu integrar a Associação dos Estudantes da Reunião Democrática Africana (AERDA), em Paris. Em 1951 organizou o primeiro Congresso Pan-africano Político de Estudantes Pós-guerra.

Em 1954 é publicado “Nações Pretas e Cultura – Da antiguidade preta egípcia aos problemas culturais da África negra de hoje” na editora *Éditions Présence Africaine*. O livro é o resultado da tese principal e secundária do doutorado de Diop, contudo sua tese não pode ser apresentada na Sorbonne por não conseguir formação de banca. É importante relembrar que nesse mesmo período o escritor martinicano, Frantz Fanon, teve sua tese com o título *Pele Negra, Máscaras Brancas* recusada pela banca na Universidade de Lyon, pois sua banca preferia “uma abordagem “positivista” no estudo da psiquiatria, exigindo mais bases físicas para os fenômenos psicológicos” (GORDON, 2008, p.14).

No ano seguinte o escritor martinicano Aimé Césaire lançou pela mesma editora seu trabalho que inspirou vários movimentos negros pelo mundo, “Discurso sobre o colonialismo” no qual cita e engrandece a obra de Diop: “Nações Pretas e Cultura – o livro mais audacioso que um preto\* já escreveu até hoje e que será importante para não duvidar do despertar da África” (“*le plus audacieux qu’un Nègre ait jusqu’ici écrit et qui comptera à n’en pas douter dans le réveil de l’Afrique*” (Discours sur le Colonialisme, Paris, *Présence Africaine*, 1955).

Em 1956, Cheikh Anta Diop matriculou-se no doutorado com um novo tema “Esferas do matriarcado e do patriarcado na antiguidade” (*Les domaines du matriarcat et du patriarcat dans l’antiquité*). Neste mesmo ano, tornou-se professor auxiliar de física e química nos liceus Voltaire e Claude Bernard, em Paris.

Em 1957, se inscreveu em um novo doutorado com o título “Estudo comparado dos sistemas político e social da Europa e da África, da antiguidade até a formação dos Estados modernos” (“*Étude comparée des systèmes politiques et sociaux de l’Europe et de l’Afrique, de l’Antiquité à la formation des États modernes*”). No mesmo ano, ele começou uma especialização em física nuclear no laboratório de química do *Collège de France*, na época dirigido pelo ganhador do prêmio Nobel de Química de 1935 e genro de Marie Curie, Frédéric Joliot-Curie. Em seguida, continuou seus estudos no Instituto Pierre et Marie Curie, seguindo o mesmo professor.

Novamente, sua tese se torna livro sendo publicada em 1960 pela *Éditions Présence Africaine* com os títulos: “A África negra pré-colonial” e “A Unidade cultural da África negra”. Este último foi traduzido para o português por Sílvia Cunha Neto e publicado na Angola somente em 1982, pela Edições Mulemba da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto, sendo a única publicação em língua portuguesa do escritor. Ainda em 1960, Cheikh Anta Diop retorna definitivamente para o Senegal e começa a trabalhar na Universidade de Dacar, no Instituto Francês da África Negra - IFAN (*Institut Français d’Afrique Noire*).

No ano seguinte foi criado seu famoso laboratório de datação pelo Carbono 14, na sede do IFAN de Dacar. Em paralelo, ele criou o partido de oposição ao primeiro Presidente do Senegal, Léopold Sédar Senghor, “O Bloco das Massas Senegalesas – BMS” (*Le Bloc des Masses Sénégalaises*). Devido suas atividades políticas, foi preso em 1962 por um mês. Convidado a integrar o governo de Léopold Sédar Senghor como ministro, ele recusou, pois, a agenda do governo não condizia com o programa do partido BMS.



Diop em 1976 em seu famoso laboratório de datação em Carbono 14, em Dacar.

Em 1966, juntamente com o professor estadunidense W. E. B. Du Bois, recebeu o prêmio do Primeiro Festival de Arte Negra por ter exercido a maior influência no pensamento negro do século XX. No ano seguinte foi publicado o livro “Anterioridade das civilizações pretas: mito ou verdade histórica?” (*Antériorité des civilisations nègres: mythe ou vérité historique?*), novamente pela editora *Éditions Présence Africaine*. Nesta obra, Diop procurou responder às críticas recebidas referentes a publicação de Nações Pretas e Cultura.

Diop foi convidado pela UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, para participar como membro do Comitê científico internacional para a escrita do livro “História Geral da África”. Em 1974 foi realizado no Cairo, capital do Egito, o Colóquio Internacional sobre “O povoamento do Egito antigo e a decifração da escrita minoica”, que reuniu os egiptólogos do mundo inteiro. Esse colóquio deu origem a uma resenha publicada pela UNESCO, no volume II de História Geral da África e também na revista “Ankh”, nº 3, junho de 1994.

Em 1976, ele criou um novo partido político chamado RND – Reunião Democrática Nacional (*Rassemblement National Démocratique*). Após a aprovação de uma lei que admitia somente três correntes políticas – socialista, liberal e marxista-leninista – o partido RND recusou a limitar-se a esses padrões e tornou-se ilegal.

Em 1977, o livro “Parentesco genético do egípcio faraônico e as línguas negro-africanas” (*Parenté génétique de l'égyptien pharaonique et des langues négro-africaines*) foi publicado. Diop sistematiza a comparação entre o egípcio antigo e o uolofe, sua língua materna.

Em 1980, ele foi homenageado com uma Medalha de Ouro da pesquisa científica africana e o Grande Prêmio de Mérito Científico Africano pela Universidade Nacional do Zaire (atualmente República Democrática do Congo). No ano seguinte, foi nomeado professor de história na Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Dacar, onde trabalhou até o momento de sua morte.

Convidado para realizar várias conferências nos Estados Unidos, foi recebido pelo prefeito de Atlanta, Andrew Young, e pela Associação Martin Luther King. O dia 4 de abril de 1985 foi proclamado como “*Dr. Cheikh Anta Diop Day*”. Sua última conferência foi realizada no dia 8 de janeiro, em Iaundê, capital do Camarões, chamada “A Núbia, o Egito e a África Negra” (*La Nubie, l'Égypte et l'Afrique noire*).

Ele faleceu no ano de 1986 em sua residência no bairro Fann, que atualmente passou a chamar-se Cheikh Anta Diop. Ele deixou um trabalho inacabado que foi publicado por *Éditions Présence Africaine* chamado “Novas pesquisas sobre o egípcio antigo e as línguas negro-africanas modernas” (*Nouvelles recherches sur l'égyptien ancien et les langues négro-africaines modernes*).

Apesar de atualmente as teorias de Diop estarem se difundindo no Brasil pela publicação da UNESCO, História Geral da África, elas ainda se encontram à margem das discussões acadêmicas, sendo mantidas vivas graças ao movimento negro. Lélia Gonzalez, intelectual brasileira, formada em História, Geografia, Antropologia e Filosofia, militante do movimento negro e feminista é uma das responsáveis por trazer seu conhecimento para o Brasil. Gonzalez visitou o Doutor Cheikh Anta Diop em seu laboratório em Dacar, conforme ela mesma conta em entrevista dada à Enugbarijö Comunicações, gravada e disponibilizada em vídeo no site CULTNE – Acervo da Cultura Negra.

## 2.3 A EDITORA ÉDITIONS PRÉSENCE AFRICAINE

Devido o corajoso trabalho dessa editora em divulgar obras de escritores negros na Europa em um momento tão difícil como foi o período Pós Segunda Guerra Mundial com a ameaça da Guerra Fria, trouxemos aqui um resumo sobre a trajetória e os desafios que a editora enfrentou desde sua criação até os dias atuais.

É importante ressaltar as críticas recebidas pelas publicações que tratavam principalmente de filosofia africana. Naquele momento a sociedade europeia duvidava do desenvolvimento intelectual de sociedades africanas e a capacidade de negros escreverem sobre filosofia. A primeira publicação chamada “*La philosophie bantou*” (A filosofia bantu), de Placides Tempels (1949), foi muito criticada e motivo de muitas controvérsias, conforme citado no próprio site da editora. E para enfrentar esse pensamento retrogrado europeu, a editora criou uma categoria de publicações que tratassem de filosofia africana, chamada “*La philosophie en toute lettres*”

A *Présence Africaine* começou como uma revista em 1947, passando a ser também editora em 1949. Atualmente, além disso, é uma livraria situada no centro de Paris, França, no bairro *Quartier Latin*.

Alioune Diop, fundador da *Présence Africaine*, nasceu em 1910 em São Luís, no Senegal. Nos anos 1930 cursou letras na Universidade de Alger, na Argélia. Nessa época conheceu Albert Camus, escritor franco-argelino, futuramente Prêmio Nobel de Literatura (1957). No final da década estudou na França, onde conheceu Aimé Césaire, escritor martinicano, Leopold Sedar Senghor, escritor senegalês e presidente do Senegal, e outros autores importantes na estruturação do pensamento negro nesse período.

Em 1953, a pedido da *Présence Africaine*, Alain Resnais e Chris Marker, dois cineastas franceses, lançam o filme As Estátuas Também Morrem (“*Les statues meurent aussi*”), o primeiro filme com a temática anticolonial. E como já era de se esperar desse período, o filme foi censurado por mais de dez anos.

Alioune organizou dois congressos internacionais de escritores e artistas negros, em Paris, em 1956 e outro em Roma, Itália em 1959. Todos os feitos de Alioune neste momento mostraram a imensa coragem que o impulsionou. A realização dos congressos internacionais reuniu um grupo importante de intelectuais e artistas, reafirmando a força e coragem do movimento. É importante lembrar que a revista foi criada poucos anos após a Segunda Guerra, quando ideias eugenistas ainda reverberavam pelo mundo.

Alioune Diop faleceu em 1980, mas seus planos não se congelaram. Sua esposa Christiane Diop, atualmente mantém viva a memória de Alioune juntamente com suas

filhas. A editora e a livraria continuam em pleno funcionamento. O site da editora se mantém sempre atualizado, com divulgação de eventos, novas publicações, e venda de livros e acessórios com entrega em todo o mundo.

## 2.4 LIVRO

O livro, *Nações Pretas e Cultura*, foi lançado em primeira edição em 1954, pela *Editions Présence Africaine*. Assim como Frantz Fanon, escritor martinicano, em *Peles Negras Máscaras Brancas*; *Nações Pretas*, foi também um trabalho acadêmico que não foi bem recebido pela comunidade europeia justamente pelo seu conteúdo revolucionário.

O livro está atualmente na sua quarta edição, agora em livro de bolso. Ele se divide em duas partes. A primeira parte é focada na historiografia e a falsificação da história egípcia. O autor compara textos de antigos filósofos, de escritores e da Bíblia com as narrativas daquele momento histórico, sobre a evolução da civilização no mundo. Ele apresenta como as inverdades foram constituídas e como as narrativas mudaram.

A segunda parte nos mostra seus estudos comparativos das línguas do continente africano. Nessa parte do livro, Diop propõe e discute as possibilidades de desenvolver as línguas africanas. De acordo com o pensamento ocidental, essas línguas eram limitadas e insuficientes para descrever o pensamento científico europeu. Para contrapor esse argumento, o autor nos apresenta a tradução de conceitos científicos da matemática, física e química; o princípio da relatividade de Einstein; além *La Marseillaise*, hino nacional da França; e uma poesia moderna em uolofe. Nessa parte, Diop traz também os estilos de artes africanas e as organizações sociais e políticas.

*Nações Pretas e Cultura* aparece nos anos 1950 e alimenta vários movimentos revolucionários no mundo. É bebendo dessa fonte, juntamente com outros autores martinicanos como Frantz Fanon e Aimé Césaire, que o movimento negro ganha força nos Estados Unidos e na Europa. No Brasil, devido a política da democracia racial, não houve interesse formal em trazer essas obras para o domínio público. As poucas produções africanas que chegaram em nosso país foram por interesse da comunidade do movimento negro ou por interações e intercâmbios entre pesquisadores e militantes brasileiros e a comunidade internacional que se formava pela luta contra o racismo.

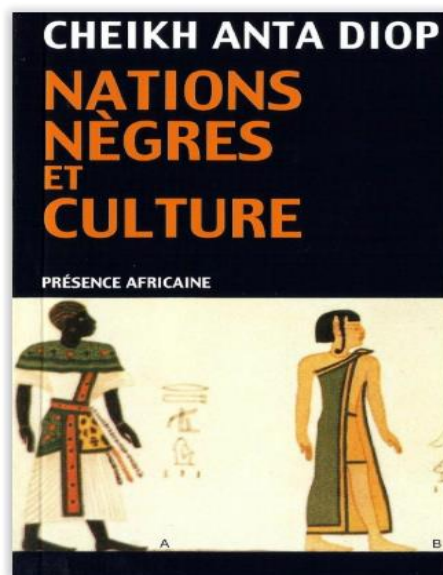
A qualidade do texto e os fatos apresentados fizeram com que Cheikh Anta Diop fosse convidado pelas Nações Unidas para escrever juntamente com outros autores a *História Geral da África*. A coleção atualmente tem oito volumes publicados no Brasil,

com a parceria da UNESCO, o Ministério da Educação, na época comandado pelo ex-candidato à presidência, Fernando Haddad e a Universidade Federal de São Carlos. E é somente nessa coleção que brasileiros puderam acessar uma pequena parte de sua obra de em língua portuguesa.

## 2.5 OS PARATEXTOS

Aqui trazemos uma apresentação detalhada da estrutura do livro já que ele não está disponível no Brasil. Tomamos o cuidado de analisar cada paratexto de acordo com as teorias de Genette (2009) nos apresenta no livro Paratextos Editoriais.

O primeiro paratexto editorial da obra Nações Pretas e Cultura é composto pela capa, com fundo preto, o nome do autor na parte superior em letras brancas, o título grafado de cor laranja, parte da imagem dos afrescos gravados na tumba de Ramsés III° - imagem que continua no verso do livro, e o nome da editora, escrito em letras brancas, acima da imagem.



Na imagem percebemos duas pessoas com vestimentas diferentes, uma pessoa com o tom de pele escuro e outra com o tom de pele amarelado. A imagem continua no verso do livro, conforme segue.

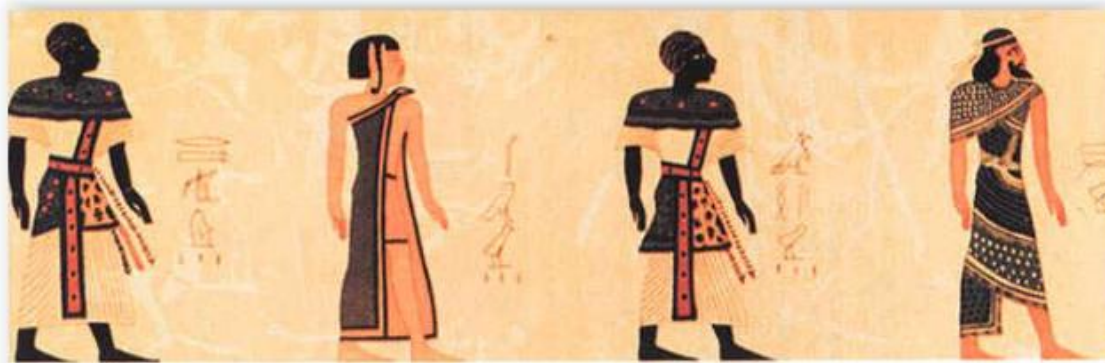


Imagem retirada do site Journey to the source (<https://www.journeytothesource.info/egypt.html>)

No verso do livro vemos outra pessoa com tom de pele escuro e outra com barba e tom de pele claro. Aqui percebemos que não se trata evidentemente de um mesmo povo, primeiramente pelos traços físicos e também pelo tipo de vestimenta. Logo nas primeiras páginas Diop descreve essa imagem nos dando mais detalhes de onde ela foi encontrada o que ele representa. Antes mesmo de abrir o livro podemos perceber que ele aborda esses diferentes tipos de pessoas, antigamente vistos como raças diferentes.

Na lombada do livro, vemos o nome do autor grafado em letras brancas, o nome do livro grafado em cor laranja, e o logotipo da editora desenhado em cor branca, sobre o fundo preto.

No verso, um curto resumo escrito em letras brancas sobre o fundo preto, a continuação da imagem da capa, sobre a imagem o código de barras e logo abaixo o código ISBN (*International Standard Book Number*).

Na primeira página, há somente o título resumido Nações Pretas e Cultura. E no verso a descrição e um pequeno resumo da imagem na capa. Em seguida, o editor apresenta a página de rosto, com o nome do autor, na parte superior, seguido pelo título principal da obra, em caixa alta, e o subtítulo em letras menores. O número da edição logo abaixo. No final da página, o nome da editora e o endereço. No verso, vemos a menção da bibliografia do autor, o ISBN, o nome da editora e os anos de publicação da obra. Seguido das menções legais sobre os direitos autorais.

Toda essa organização de informações e imagens nos leva para o assunto a ser tratado, é um conectivo entre o extratexto e o texto, uma zona de *transação*, que direciona o leitor para o texto, segundo Genette (2009). São as imagens, a disposição do título, as cores de capa e contracapa que convidam o leitor a folhear o livro e posteriormente acessar seu texto.

O livro apresenta o sumário na página que se segue, e na página 9 a lista de ilustrações. Em seguida, começam os prefácios, que Genette (2009, p. 145) define como “toda espécie de texto liminar (preliminar ou pós-liminar), autoral ou alógrafo, que



consiste num discurso produzido a propósito do texto que segue ou que antecede”. O primeiro sendo a apresentação da edição de bolso de 1979, o texto mais recente apresentado na obra.

Essa apresentação, escrita pelo próprio Cheikh Anta Diop, retrata o período de 25 anos atrás dessa edição de Nações Pretas e Cultura, quando a primeira parte do texto foi lida por Aimé Césaire, escritor martinicano, que ficou maravilhado e buscou apoiadores dispostos a defender as teorias revolucionárias para aquele momento. O autor informa sua decisão de manter o texto da obra, tal como está, já que o desenvolvimento e as melhorias de suas teses foram feitos em outras publicações posteriores. Ele justifica essa escolha de apresentar aos jovens o árduo trabalho de pesquisa com o objetivo de inspirar os jovens a manter a esperança. Dessa forma, o autor nos convida também a aprofundar mais ainda em seus escritos para acompanhar a continuidade de seus estudos.

Na página 13, temos o prefácio da primeira edição de 1954. Este é mais longo e se estende por dez páginas. Esse texto apresenta um tom revolucionário e irônico, uma forma de despertar da alienação imposta pelo colonizador, que nesse momento, domina as produções sobre a história do continente africano e principalmente Egito. Ele nos traz as dificuldades de sustentar sua tese, entre os estudiosos, já que as teorias sobre a formação das grandes civilizações africanas só seriam possíveis se contassem com a participação do homem branco. Nesse texto ele convida principalmente os africanos a se debruçarem sobre os estudos de sua própria história, é preciso conhecer melhor a evolução de seu povo. E dessa forma, tornar inofensiva a arma de dominação cultural do colonizador que recria a história do colonizado. Ele divide três subtítulos de tendências de opiniões africanas: os cosmopolitas-científicos-modernizantes, o intelectual que não cultivou sua formação marxista e os anti-nacionalistas formalistas. E para fechar o texto, Diop nos informa que ele não pretendeu julgar da veracidade nem da religião muçulmana e nem cristã, para que seu livro não fosse tido como uma blasfêmia.

Na página 24, Cheikh Anta Diop nos apresenta mais um prefácio, dessa vez para edição de 1964, quando a publicação completa 10 anos. Com um discurso mais ameno, ele descreve o momento de escrita da obra, momento de luta anticolonial (1948-1953) e pela independência dos países africanos. Aqui ele cita algumas imperfeições, mas reafirma seu posicionamento e seu compromisso com as teorias apresentadas. Algumas correções sobre o conteúdo apresentado nessa obra foram feitas no livro Anterioridade das Civilizações Pretas – Mito ou Realidade. (*Antériorité des civilisations Nègres – Mythe ou réalité*).

O preâmbulo se apresenta na página 27, com um curto parágrafo explicando a divisão do livro em duas partes, onde a primeira trata da história da africana e a segunda, traz outros aspectos culturais. A partir disso, o autor questiona a forma que a história africana tem sido apresentada com algumas incongruências lógicas.

E finalizando os paratextos, temos a introdução do livro, que se mantém parecida com o preâmbulo, onde o texto é composto de suposições e questionamentos sobre como a história africana e a origem da civilização foi contada até aquele momento.

A organização do texto adotada pelo Diop até esse momento do livro nos mostra o direcionamento que ele nos trouxe para nos encantar e despertar toda a curiosidade para adentrar no texto. O que é até esse momento se mostra bastante convidativo. Segundo Genette, esses paratextos estão em

“lugar privilegiado de uma pragmática e de uma estratégia, de uma ação sobre o público, a serviço, bem ou mal compreendido e acabado, de uma melhor acolhida do texto e de uma leitura mais pertinente – mais pertinente, entenda-se, aos olhos do autor e de seus aliados.” (GENETTE, 2009, p. 10)

Porém a leitura desses paratextos não se faz obrigatória, qualquer leitor poderia simplesmente ir diretamente ao texto da obra. E nesse caso, viemos concordar com Genette que esses paratextos apresenta notas dirigidas para *certos* leitores. Nesses paratextos, vemos informações importantes sobre a história da obra e os posicionamentos do escritor ao longo do tempo, além de também sermos convidados a aprofundar em outros trabalhos do mesmo autor.

Ao final da obra, ele ainda nos oferece um quadro de vocabulário comparado do uolofe, do serere e do francês. Além de mais um paratexto com anotações sobre os termos arqueológicos utilizados na obra. A tradução desses dois paratextos exige uma pesquisa mais aprofundada não somente sobre a obra, mas também sobre a arqueologia. Decidimos aprofundar essa pesquisa em um momento posterior.

Trabalhamos o último texto apresentado que nos traz notas sobre a biografia de alguns autores citados. O que foi de grande utilidade para entender as citações e o momento e contexto que elas foram escritas. Trabalhar esse texto nos ajudou muito na compreensão da primeira parte da obra. Como as buscas sobre as produções em língua portuguesa nem sempre foi evidente, obter essas anotações feitas pelo próprio autor nos ajudou a compreender sua linha de raciocínio.

### 3. CAPÍTULO 2: PENSAR A TRADUÇÃO COMO ATIVIDADE.

Nesse capítulo discutimos sobre a experiência tradutória partindo da experiência como leitora atenta dos paratextos selecionados. Ao entender o momento de escrita, a função e o tom dado ao texto por Diop, o processo tradutório vai de encontro as dificuldades levantadas na compreensão da leitura, principalmente sobre a terminologia aplicada, e posteriormente percebeu-se a necessidade de reavaliar o uso da pontuação em língua portuguesa, já que elas nem sempre são idênticas, e as mudanças podem gerar dificuldades na compreensão.

A luz dos escritos de Berman, em *A tradução e a Letra* ou o Albergue do longínquo, foi pensado sobre como receber esse Outro, na língua portuguesa. Então, temos a primeira questão que se deu principalmente sobre como trabalhar o texto para o leitor ou para o escritor, mantendo a maior aproximação na forma e na escrita ou recriando o texto e perdendo a forma e a escrita, na língua de chegada.

Essa questão norteou toda a construção tradutória e também essa construção da análise. Buscou-se trazer o autor e acolhe-lo na língua portuguesa, mas de forma a não apagar o local de publicação, França, e a origem do escritor, senegalesa. Afinal, ele traz sua vivência de homem africano, que conhece bem sua cultura e vai para França, questionar os escritos sobre seu continente. É essencial, manter seu olhar sobre o material trabalhado. Procuramos manter o mesmo tom da narrativa com uma certa ironia sobre como os saberes africanos foram reinventados pelos “detentores do saber” europeus.

Na segunda parte do livro, Cheikh Anta Diop nos traz uma reflexão sobre o uso da língua do colonizador, na sua experiência, a língua francesa. Diop propõe o ensino escolar em língua materna, pois dessa forma, o conhecimento do mundo moderno estaria mais acessível para a população africana:

*Très souvent l'expression étrangère est comme un revêtement étanche qui empêche notre esprit d'accéder au contenu des mots qui est la réalité. Le développement de la réflexion fait alors place à celui de la mémoire. (Diop, 1979, p. 405)*

Com frequência, o uso da expressão estrangeira é como uma capa impermeável que impede nosso espírito de acessar o conteúdo das palavras que é a realidade. O desenvolvimento do pensamento dá lugar então ao desenvolvimento da memória. (Tradução nossa)

Diop alerta sobre a importância de desenvolver conceitos modernos em língua materna, para que os africanos possam entrar em contato o mais cedo possível com os

conhecimentos ditos modernos. Pois não perderiam entre 4 e 6 anos focando no estudo de gramática e vocabulário para expressar tal conhecimento.

Contra o argumento de que as línguas africanas não seriam capazes de traduzir poesia, literatura, conhecimento científico, ele nos apresenta a tradução de conceitos matemáticos, físicos, químicos, o princípio da relatividade, uma poesia de Corneille e *la Marseillaise* - o hino nacional francês. Ao final desse capítulo, Diop apresenta uma poesia em uolofe, e explica sua opção em não traduzir o texto em francês pois são esses elementos literários que se sacrifica quando se prefere o uso da língua estrangeira.

Este direcionamento de Diop pela valorização da cultura africana no decorrer do seu livro, começa a ganhar relevância no Brasil com novos autores que repensam a formação cultural. Em recente publicação do ativista do movimento socioambiental e de defesa dos direitos indígenas, além de determinante participação na elaboração do Capítulo dos índios da Constituição de 1988, Ailton KRENAK (2009) nos “fala”:

A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível. Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história. (KRENAK, A. 2019 p. 11).

A compreensão da relação colonizador e colonizado de Ailton Krenak, nos fez repensar o uso da língua na relação tradutória do texto de Diop. A tradução desse material priorizou o conteúdo e o respeito ao estudo das línguas apresentado, sem deixar apagar a relação das línguas originárias da África com as línguas europeias. Apesar da maior parte dos nomes de lugares e povos passar pela tradução de língua originária para o francês, tivemos o cuidado de observar e pesquisar a fundo, a palavra em língua portuguesa para evitar o aportuguesamento do que já tinha sido afrancesado.

Como traz Berman (2007), em a Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo, “O ato ético consiste em reconhecer e em receber o Outro enquanto Outro” (p. 68). Na elaboração dessa tradução não tivemos a intenção de sobrepor o português de forma dominadora e sim de absorver Diop, de diluir sua escrita na língua portuguesa, assim como ele o fez em língua francesa.

Nosso processo tradutório teve por base a ideia da perda da obra, dos escritos e da memória do escritor Diop na cultura brasileira. Essas ideias precisam se estender a cultura brasileira, vir integrar o pensamento negro e sua evolução. Com a aprovação da lei 10.639/2003 que trata sobre a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana no Brasil, essa tradução visa contribuir para uma nova abordagem na

forma de estudar história e cultura africana, que esse estudo não se resume somente ao tráfico negreiro. Diop nos mostra que a história africana vai muito além disso.

O ato do traduzir foi pensado a partir da leitura atenta dos textos e para os entender melhor, foi preciso entrar no livro para pensar a obra como um todo e entender para onde, e por qual caminho, o autor nos levaria. A interpretação do prefácio de 1954 nos trouxe a necessidade de maior conhecimento sobre nomes citados. Para encontrar os correspondentes em português foi preciso estabelecer fontes de confirmação dos nomes, dos locais, dos povos. A intenção foi evitar recriar um termo a partir da língua francesa.

Após estabelecer os oito volumes da História Geral da África como fonte segura de confirmação dos termos, a interpretação se tornou mais fluida. Consequentemente, a tradução também. Após novas pesquisas sobre uma fonte mais objetiva, encontramos dois livros de suma importância: a Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana, de Nei Lopes, publicado pelo Selo Negro, em São Paulo, em 2011; e o Dicionário da Antiguidade Africana, do mesmo autor, publicado no Rio de Janeiro, em 2012, pela editora Civilização Brasileira. Nei Lopes é um autor negro, africanista autodidata que publicou sete dicionários e uma enciclopédia sobre línguas e culturas da África. O dicionário Houaiss integrou cerca de 250 registros de seu Dicionário Banto do Brasil, de 1999<sup>1</sup>.

Esses recursos foram de suma importância para entender os contextos nos quais se insere a obra, aprofundar conhecimentos periféricos para construir o texto em língua portuguesa. Com essa base foi possível “abrir o Estrangeiro enquanto Estrangeiro no seu próprio espaço de língua” (BERMAN, 2007, p. 69). Esse espaço de língua foi aqui estabelecido para receber o escritor africano e a cultura africana, na língua portuguesa do Brasil, em seu momento importante de construção e desenvolvimento do movimento negro.

A interdisciplinaridade faz parte do processo tradutório. É sempre preciso conhecer e estabelecer fontes confiáveis de outros domínios para conseguir aprofundar no texto. Nesse trabalho, foi necessário obter fontes seguras sobre a história da África, dos povos africanos e sobre a arqueologia que o autor coloca em questão para conseguir fazer uma melhor leitura da obra. Diop nos apresenta uma lista com resumo sobre os autores mais citados, assim também é possível entender o momento da produção intelectual de cada um e relacionar com o texto.

Os processos de leitura, compreensão e tradução foram transformadores na forma de pensar a escrita desse texto na função de tradutora. Segundo Pannwitz (apud

---

<sup>1</sup> Disponível em <https://revistapesquisa.fapesp.br/2019/01/10/nei-braz-lopes-o-dicionarista-heterodoxo/>. Acesso em 22/11/2019.

BENJAMIN), a língua de chegada deve ser abalada pela língua estrangeira. Da mesma forma, o pensamento do traduzir também se fez abalar. “O erro fundamental de quem traduz é apegar-se ao estado fortuito da própria língua, ao invés de deixar-se abalar violentamente pela língua estrangeira.” (p. 80).

### 3.1 O USO DE FERRAMENTAS DE TRADUÇÃO.

Para trabalhar o texto, primeiramente foi necessária a importação do livro, já que ele não é vendido no Brasil. Com a chegada do material e a escolha do trecho a ser trabalhado, foi preciso uma preparação do texto para poder trabalhá-lo com a ferramenta de tradução. O texto foi inteiramente digitado e formatado o mais próximo possível da formatação original para que pudesse ser apresentado aqui no anexo e usado na ferramenta de tradução escolhida, o *Wordfast anywhere*.

Para facilitar a tradução e a organização do texto, foi escolhido o programa de tradução *Wordfast anywhere*. A *Wordfast* é uma empresa que comercializa ferramentas e memórias de tradução para empresas e profissionais do ramo. Os principais produtos da empresa são *Wordfast Pro* e *Wordfast Classic*, ferramentas de tradução pagas muito usadas por tradutores e empresas de tradução. Para a realização dessa pesquisa, optamos pela opção gratuita oferecida pela empresa.

*Wordfast anywhere* é acessível pelo site [www.freetm.com](http://www.freetm.com) sendo necessário fazer um simples cadastro e subir o arquivo a ser traduzido. Ao término da tradução é possível baixar o arquivo traduzido com a mesma formatação do arquivo original. Além desta vantagem, pode-se estabelecer uma memória de tradução a ser aplicada em todo o texto, facilitando e acelerando o processo da tradução de frases e termos repetidos, possibilitando também a criação de glossário em seu próprio site. Para essa pesquisa, foi escolhido desenvolver o glossário independente em forma de tabela no programa da Microsoft, Excel, apresentada em anexo.

O *Wordfast* foi desenvolvido por Yves Champollion. Conforme apresentado em seu site pessoal, indicado no manual do Wordfast ([champollion.net](http://champollion.net)), Yves Champollion é descendente de Jean-François Champollion, famoso egiptólogo citado por Diop:

CHAMPOLLION: Jean-François dit le Jeune (1790-1832). On l’a appelé « le fondateur de l’égyptologie » parce qu’il parvint le premier à déchiffrer les hiéroglyphes. Linguiste précoce et doué, il maîtrisa six langues orientales ainsi que le grec et le latin à seize ans ; il enseigna d’abord à Grenoble et fut nommé au Collège de France en 1831. (p. 558)

CHAMPOLLION: Jean-François, o Jovem (1790-1832). Ficou conhecido como "o fundador da egiptologia " pois, foi o primeiro a conseguir decifrar os hieróglifos. Linguista precoce e talentoso, ele aprendeu seis línguas orientais assim como o grego e o latim com dezesseis anos; ele lecionou primeiramente em Grenoble, e foi nomeado para o *Collège de France*, em 1831. (tradução nossa)

De acordo com Diop, a família Champollion dedicou anos de estudos sobre o Egito e línguas. No livro *Nações Pretas e Cultura*, também é citado o irmão mais velho Jacques-Joseph Champollion-Figeac que foi filólogo, pesquisador da arqueologia egípcia, responsável pela a educação de Champollion o Jovem, além de professor de grego e bibliotecário em Grenoble, na França.

Yves Champollion mantém um perfil de consultor de grandes projetos de traduções ativo no site *Proz.com*. O site Proz é uma plataforma, que funciona desde 1999, completando vinte anos de funcionamento, que reúne demandas de traduções de grandes empresas e também de particulares e tradutores do mundo inteiro. Ele oferece também fóruns de discussões, grupos de estudos, cursos online, dicionários de tradução e terminologias. Yves Champollion é nativo em francês e japonês, trabalha principalmente com traduções de inglês para francês.

## 3.2 REFLEXÕES SOBRE A TERMINOLOGIA

### 3.2.1 O Uso do termo “preta/o” ou “negra/o”

Aqui abordamos principalmente a questão do uso do termo “preto” que gera incomodo em alguns leitores. Fizemos uma reflexão sobre o uso do termo em outras línguas e a receptividade no Brasil. Também tratamos sobre a experiência de descobrir termos referentes a povos e línguas africanas.

O título da obra levantou reflexões principalmente pelo o uso das palavras “*Noir*” e “*Nègres*”. Em um olhar superficial temos o equivalente em português Negro e Preto. O primeiro, popularmente conhecido como a palavra mais politicamente correta para se referir a pessoas de pele negra em português do Brasil. O segundo, ainda com traços pejorativos quando se refere a pessoas ou expressões.

No livro, Diop apresenta a definição de “*Nègre*” do dicionário Larousse, em 1905:

*Nègre, négresse (latin niger : noir), homme, femme à peau noir. C’est le nom donné spécialement aux habitants de certaines contrées d’Afrique... qui*

*forment une race d'hommes noirs inférieure en intelligence à la race blanche dite race caucasienne.* (Nouveau Dictionnaire illustré Larousse, 1905, p.516).

Preto, preta (latin niger: negro), homem, mulher de pele negra. É o nome dado especialmente aos habitantes de países africanos... que formam uma raça de homens pretos inferior em inteligência à raça branca dita caucasiana. (tradução nossa)

Nessa abordagem, Diop nos mostra como o dicionário tratou, sem negativas ou rodeios, o racismo que naquele momento era muito bem estabelecido nas sociedades. Nesse momento no Brasil, ainda tínhamos poucos anos de Abolição da Escravatura. As ideias racistas ainda circulavam livremente e sem freios no território nacional.

E atualmente vemos os seguintes verbetes do Pequeno Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2015):

Negro: 1 (indivíduo) que tem a pele escura 2 a cor preta 3 dessa cor 4 diz-se dessa cor (...) (p. 664)

Preto: 1 a cor do piche ou do carvão 2 (o) que tem essa cor 3 (indivíduo) de pele escura – a palavra pode ser ofensiva nessa acepção 4 diz-se dessa cor 5 diz-se do que tem cor escura 6 complicado e perigoso (...) (p. 762)

Grada Kilomba (2019), escritora portuguesa de origem angolana e de São Tomé e Príncipe, discorre sobre o termo negra/o no prefácio do livro *Memórias da Plantação*, escrito especificamente para a edição brasileira:

(...) este termo deriva da palavra latina para a cor preta, *niger*. Mas, logo após o início da expansão marítima (...) a palavra passou a ser um termo usado nas relações de poder entre a Europa e a África e aplicada aos Africanos para definir o seu lugar de subordinação e inferioridade. Em português, no entanto, essa diferenciação parece não ter sido feita, pois, embora esteja intimamente ligado à história colonial, *negra/o* tem sido usado como o único termo “correto”. (p.16 e 17)

Sobre o termo preta/o, Kilomba (2019) diz o seguinte:

(...) em inglês e alemão usam-se as abreviaturas N-word e N., respectivamente, a fim de não se reproduzir a violência e o trauma que a palavra implica. Esse termo é traduzido para a língua portuguesa por p. (preta/o), que é historicamente o mais comum e violento termo de insulto dirigido a uma pessoa. Tragicamente, na língua portuguesa, o termo p. é usado arbitrariamente no dia a dia: ora como insulto direto, ora como forma indireta de inferiorização e objetificação – as/os p. Mas o termo, mais do que isso, está intimamente ligado à história das políticas de insulto e ao racismo diário na língua portuguesa. (p. 18)

A autora escolhe o uso da palavra abreviada para justificar a fuga do racismo na língua. Como a língua francesa, se comporta de maneira diferente em relação ao inglês e



o alemão, inclusive ela usa a letra maiúscula quando se referir ao povo e tem função de substantivo. Minha escolha em português se deu no sentido de não temer o uso da palavra. Importante ressaltar o comparativo das definições. Podemos relacionar *Noir* com Negro e *Nègre* com Preto. Mas questiona-se a receptividade do termo pela comunidade branca brasileira. Percebe-se o medo do termo “preto” na sociedade brasileira. Contudo este é um termo usado nos questionários dos censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE.

Na Cartilha do Politicamente Correto, publicada em 2004, vemos a seguinte definição e recomendação sobre o termo “negro”:

A maioria dos militantes do movimento negro prefere esse termo a “preto”, o que utilizam com orgulho para afirmar os valores da cultura afro-brasileira. O contexto determina o sentido pejorativo das duas expressões. Em certas situações, tanto “negro” como “preto” podem ser altamente ofensivos. Em outras, podem denotar carinho, por exemplo, nos diminutivos “neguinho”, “minha preta” etc.

Sobre o termo “preto”, a mesma cartilha indica o verbete “negro”.

E aqui demonstramos as diferenças sobre o mesmo verbete em francês. Usamos o aplicativo *Le Robert, Dixel Mobile*.

*Noir: adj. Se dit de la couleur la plus foncée qui existe, de l'aspect d'une surface ne réfléchissant aucune lumière. Adj. Abst. 1. Assombri par la mélancolie. 2. Marque par le mal. Magie noire. Messe noire. Où règne une atmosphère macabre. 4. Non déclaré, non légal. Qui appartient à un groupe humain caractérisé par une peau très pigmentée.*

*Nègre : 1. Vieilli et péjoratif. Noir. Noire. Terme devenu raciste, sauf quand il est employé et revendiqué par les Noirs eux-mêmes. «Le nègre [...] est acculé à l'authenticité : insulté, asservi, il se redresse, il ramasse le mot de « nègre » qu'on lui a jeté comme une pierre, il se revendique comme noir [...], dans sa fierté » (SARTRE).*

No Brasil atual temos um número crescente de músicos que usam o termo “preto” com conotações relacionadas ao orgulho cultural. Como por exemplo, o cantor Rincón Sapiência usou na música “Ponta de Lança Verso Livre”:

Quente que nem a chapinha no crespo  
Não, crespos estão se armando  
Faço questão de botar no meu texto  
Que **pretas** e **pretos** estão se amando

Também podemos observar o uso do termo “preta” na música Faixa Preta, de Baco Exu do Blues:

Lembre que toda **preta** é rainha  
Então se curve para as **preta**

Beije o pé das **preta**  
Tenha medo das **preta**  
E da treta que dá quando se mexe com gente **preta**

Com essa popularização através da música do termo “preto”, acreditamos que o termo precisa deixar de ser evitado e passar a ser apropriado. Com urgência a sociedade brasileira precisa entender a importância do povo preto que chegou nessas terras para construir um país e integrar sua sociedade em todos os âmbitos, e não somente para ocupar locais de trabalho braçal ou doméstico como há muito tempo se manteve.

O medo da palavra “preto” retirou esse termo da academia, sendo expulso também dos espaços comuns, tendo sua definição pejorativa e caindo cada vez mais em desuso. As traduções de línguas que também possui a variação de termo “negro” e “preto”, assim como o francês, o termo preferido é o negro. A exemplo de Grada Kilomba que modificou os termos para adaptar seu texto para o público brasileiro.

Em paralelo, o termo se mantém em uso ativo, com conotação positiva, tanto em relações carinhosas “minha preta, pretinha”, como nos movimentos negros que ainda são mantidos à margem. O uso do termo “preto” nesse contexto, é sinônimo de pertencimento e da tomada de consciência da cultura preta.

Na minha experiência tradutória, decidi pelo uso do termo “preta/o” e “negra/o” sem temer. Assim como o escritor Diop, traz uma variação entre “*nègre*” e “*noir*”, o apagamento dos termos e sua transformação em unicamente negro, é uma possibilidade dominadora e colonialista. O que após a leitura da obra e todas as reflexões levantadas por esse trabalho não faria sentido ético e político.

### 3.2.2 OUTRAS PROBLEMÁTICAS

Outra problemática levantada foi uso da maiúscula em determinados nomes. Por exemplo, na expressão *Etat fédéral continental africain*. Segundo a regra em francês, encontrada em *Le bon usage Grevisse* (p. 97), o uso da maiúscula se dá somente na primeira palavra importante. Diferente do que acontece na língua portuguesa, onde todo o nome é escrito em maiúscula. A escolha tradutória nesse caso foi “Estado Federal Continental Africano”.

Foi feita uma opção neste texto de não utilizar termos que trazem conotação de superioridade branca, buscando proporcionar uma leitura que evite desconfortos e a propagação de termos que apresentam ou advêm de atribuições negativas relacionadas aos negros. Obviamente, seria contraditório trazer em um texto escrito por um intelectual negro sobre as raízes da civilização negra no Egito e na África termos como “*clair*,

*clairement, clarté*”. Estes termos foram substituídos por sinônimos em português como “evidentemente, evidente, óbvio, transparência”, como pode-se perceber nos trechos a seguir:

*Il devient donc clair que c'est seulement l'existence d'Etats Africains Indépendants fédérés au sein d'un Gouvernement central démocratique, (...)*

Portanto, torna-se evidente que somente a existência de Federação de Estados Africanos Independentes no seio de um Governo Democrático Central, (...) (Tradução nossa)

*Car si on se contentait de l'expression « peuple africain », on manquerait de précision : il ne faut donc pas que le lecteur voie dans l'usage du terme « Nègre » une intention raciste ; qu'il y voie l'unique souci de clarté de l'auteur.*

Porque se a expressão "povo africano" satisfizesse, ficaria incerto: o leitor não deve, portanto, ver no uso do termo "Preto" uma intenção racista; que ele veja a única preocupação de transparência do autor. (Tradução nossa)

Sobre a tradução do nome das obras, a pesquisa foi feita a partir do nome do autor e a busca pela publicação em língua portuguesa. A tradução do título nem sempre foi evidente. Como por exemplo: *La Guerre des Gaules*, que reúne os diários de *Jules César* durante esse período colonial da Gália. Em português foi encontrado uma publicação com o título de *Comentários sobre a Guerra Gálica*, com a tradução de Francisco Sotero dos Reis, pela editora Ediouro. Foi feita uma pesquisa de fontes para atrair o leitor para aprofundar nos assuntos abordados por Diop, nem sempre foi possível encontrar a publicação citada em português e o seu nome foi mantido conforme citado pelo autor.

É importante frisar nessa pesquisa as dificuldades em acessar o conteúdo referente a pesquisa de Cheikh Anta Diop e principalmente sobre o autor. Em pesquisa na Biblioteca da Central da Universidade de Brasília, foi encontrado em seu site de buscas um único livro *Unité culturelle de l'Afrique Noire: Domaines du patriarcat et du matriarcat dans l'antiquité classique* na versão francesa original, publicada pela *Présence Africaine*. Este foi o único livro de Cheikh Anta Diop traduzido e publicado em língua portuguesa, de título *Unidade cultural da África Negra: Esferas do patriarcado e do matriarcado na antiguidade clássica*, com tradução de Silva Cunha Neto, em uma coedição entre Edições Mulemba da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Agostinho Neto em Luanda, Angola; e Edições Pedagogo, em Portugal. Porém, não foi encontrado fisicamente na biblioteca. Após a solicitação de uma busca mais refinada, tivemos a notícia de que o livro não foi encontrado e que a última vez que foi emprestado

foi em 2007, contudo foi devolvido no mesmo ano, o que nos leva a concluir que o livro desapareceu de dentro da biblioteca.

Sobre os locais citados, tivemos um desafio importante quanto a tradução do país com nome *Dahomey*. Encontramos o correspondente em português Daomé que faz referência ao território conhecido após 1975 como Benim, na tradução acrescentamos informações adicionais entre parênteses. Como se observa em:

*Il est facile d'épiloguer afin de prouver que l'indépendance de la petite colonie du Sénégal, de la Côte d'Ivoire, du Togo, du Dahomey, etc., (p. ...)*

Tradução: É fácil epilogar a fim de provar que a independência da pequena colônia do Senegal, da Costa do Marfim, do Togo, do Daomé, (atualmente República do Benin), etc.,

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões feitas durante o ato tradutório e as pesquisas realizadas nesse trabalho, assim como disse Benjamin (2008), abalaram a escrita e o pensamento sobre a atividade de traduzir. A leitura de Cheikh Anta Diop nos revelou e levantou questões importantes sobre como a colonização europeia manteve e mantém esses povos sob controle e dominação por tanto tempo. As reflexões de Diop ganharam o mundo naquele tempo, o movimento negro internacional já discute essas questões desde então. É muito importante dar acesso ao movimento negro brasileiro, a essas reflexões que trazem uma nova significação do continente africano além da escravidão.

As palavras da língua portuguesa nos fizeram refletir sobre o uso com propriedade, sem assumir uma posição de subalterno ao que a língua nos oferece e dessa forma não nos limitar ou nos obrigar a adaptar-se ao que não nos cabe. A partir dessas reflexões, a tradução desse texto foi pensada como mais uma forma de agregar as origens africanas a nossa história que também se constituiu com muita resistência desses povos.

Procuramos manter o respeito a cultura apresentada nesse livro e apresentá-la de forma que ela possa fluir pela língua portuguesa com naturalidade, sem esquecer suas origens. Esse trabalho procurou manter essa tradução acessível para leitores e estudiosos de Cheikh Anta Diop.

Diop, na sua escrita, nos leva a refletir sobre a história do mundo e a história que nos foi contada sobre esse mundo. Quando visitei em novembro desse ano a exposição de

arte Egito Antigo - Do cotidiano à eternidade, no Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, foi possível perceber o quanto a escrita de Diop é preciosa por perceber as evidências, e ainda mais importante, pela coragem em denunciar as controvérsias em como a história foi contada.

## ANEXOS

### TEXTOS ORIGINAIS – FRANÇAIS

#### ANEXO 1 - Couverture

[Couverture]

Cheikh Anta Diop

Nations Nègres et Culture

[Contre-couverture]

Nations nègres et culture

[Prochaine page en bas]

*En couverture :*

#### LES RACES HUMAINES VUES PAR LES EGYPTIENS.

Sur ces fresques reproduites du tombeau de Ramsès III (vers 1200 avant J.-C.), s'affirment sans équivoque :

- la parenté de l'EGYPTIEN (personnage A) ou Remetou : « les hommes par excellence », avec le NUBIEN (C) ou Nehesiou ;
- leur différence raciale évidente avec l'INDO-EUROPÉEN (B), Libye ou Temehou, et avec le SEMITE (D) ou Amou.

Cette reproduction est tirée de *Denkmäler* de Lepsius (Ergänzungsband, planche 48).

[Prochaine page]

Cheikh Anta Diop

#### NATIONS NÈGRES ET CULTURE

*De l'antiquité nègre égyptienne aux problèmes culturels de l'Afrique Noire d'aujourd'hui*

Quatrième édition

PRESENCE AFRICAINE

25<sup>bis</sup>, rue des Ecoles, 75005 PARIS

[Prochaîne page]

LA BIBLIOGRAPHIE DE CHEIKH ANTA DIOP SE TROUVE EN FIN D'OUVRAGE

ISBN 2-7087-0688-8

© Editions Présence Africaine, 1954, 1979.

Droits de reproduction, de traduction, d'adaptation réservés pour tous pays. La loi du 11 mars 1957 n'autorisant, aux termes des alinéas 2 et 3 de l'article 41, d'une part, que les « copies ou reproductions strictement réservées à l'usage du copiste et non destinées à une utilisation collective » et d'autre part, que « les analyses et les courtes citations dans un but d'exemple et d'illustration », toute représentation ou reproduction intégrale ou partielle, faite sans le consentement de l'auteur ou de ses ayants droits ou ayants cause est illicite (alinéa 1<sup>er</sup> de l'article 40). Cette représentation ou reproduction, par quelque procédé que ce soit, constituerait donc une contrefaçon sanctionnée par les articles 425 et suivants du code pénal.

[Prochaîne page]

## ANEXO 2 - SOMMAIRE

### SOMMAIRE

9	<i>Table des illustrations.</i>
11	<i>Présentation de la nouvelle édition au format poche.</i>
13	<i>Préface à l'édition de 1954.</i>
24	<i>Préface à l'édition de 1964.</i>
27	<i>Avant-propos.</i>
31	<i>Introduction.</i>

### PREMIÈRE PARTIE

#### *Chapitre premier*

#### QU'ÉTAIENT LES ÉGYPTIENS ?

35	Témoignages des écrivains et philosophes anciens et de la Bible ; leur valeur.
----	--

#### *Chapitre II*

#### 49 **NAISSANCE DU MYTHE DU NÈGRE**

#### *Chapitre III*

#### 59 **FALSIFICATION MODERNE DE L'HISTOIRE**

141	La civilisation égyptienne peut-elle être originaire du Delta ?
156	La civilisation égyptienne peut-elle être d'origine asiatique ?
167	La Phénecie.

- 190 L'Arabie.
- 193 Institutions et moeurs du royaume sabéen.
- 198 Problème de la race égyptienne vu et traité par les anthropologues.
- [prochaîne page]

#### *Chapitre IV*

### **ARGUMENTS POUR UNE ORIGINE NÈGRE DE LA RACE ET DE LA CIVILISATION ÉGYPTIENNES**

#### *Arguments ethnologiques :*

- 204 Totémisme – Circoncision – Royauté – Cosmogonie – Organisation sociale – Matriarcat.
- 220 Parenté du Soudan Méroïtique et de l'Égypte.
- Antériorité du Soudan Méroïtique.
- Avènement de la dynastie soudanaise méroïtique Piankhi, Shabaka, Sabataka.
- 230 Berceaux de civilisation situés au coeur des pays nègres.

#### *Arguments linguistiques :*

- 231 Langues.
- 235 Transcription alphabétique du valaf.
- 236 Etude comparative des grammaires égyptienne et valaf.
- 258 Peut-on, à partir du valaf, restituer le type de la grammaire égyptienne ?
- 267 Remarques sur quelques mots égyptiens typiques.
- 287 Introduction au vocabulaire (vocabulaire comparé égyptien-valaf).

#### *Chapitre V*

### **ARGUMENTS CONTRE L'IDÉE D'UNE ÉGYPT NÈGRE**

- 337 Régression culturelle ?
- 354 Problèmes posés par les cheveux lisses et les traits dits réguliers.
- 355 Race noire asservie ?
- 356 Teint brun-rougeâtre des Égyptiens !
- 357 Inscription de la Stèle de Philae.

#### *Chapitre VI*

### **PEUPLEMENT DE L'AFRIQUE**

#### **A PARTIR DE LA VALLÉE DU NIL**

- 376 Kara-Karé – Karékaré.
- 369 Origine égyptienne des Yoroubas.
- 374 Origine des Laobés.
- 378 Origine des Peuls.
- 381 Origine des Toucouleurs.

- 382 Origine des Sérères.  
391 Origine des Añi.  
392 Origine des Fangs et des Bamouns.  
393 Origine des Maures.

#### *Chapitre VII*

### **APPORT DE L'ÉTHIOPIE-NUBIE**

#### **395 ET DE L'ÉGYPTE A LA CIVILISATION**

## **DEUXIÈME PARTIE**

### *Chapitre premier*

### **DÉVELOPPEMENT DES LANGUES**

- 405 Nécessité de développer les langues nationales.  
408 Moyens de développer les langues nationales.

### *Chapitre II*

### **TRADUCTIONS**

- 415 Traduction de concepts mathématiques.  
422 Traduction de concepts scientifiques : physique et chimie.  
437 Résumé du principe de la relativité d'Einstein.  
443 *Tampuk aduadu* (Traduction du résumé du principe de la relativité d'Einstein).  
447 Traduction littéraire et intégration de rythmes (Extraits d'*Horace* ; de *La Marseillaise*).  
449 Poésie valaf moderne.

### *Chapitre III*

### **DÉBLAIEMENT**

- 451 Étude comparative du valaf et du sérère.  
474 Comparaison de quelques mots valafs et sarakollés.  
474 Rapports du valaf et du baguirmien.  
483 Origine du peuple valaf.  
495 Complément de grammaire de la langue étudiée. Problème posé par les langues dites « à classes ».

### *Chapitre IV*

### **513 LES PROBLÈMES DE L'ART AFRICAIN**

- 519 Description des styles de sculpture nègre.

### *Chapitre V*



## STRUCTURE SOCIALE ET POLITIQUE

- 533 Structure sociale et politique découlant des conditions économiques et matérielles.
- 544 Morale engendrée par ces conditions économiques.

### Appendice

- 546 Vocabulaire comparé du valaf et du sérère (abrégé).
- 553 Notes sur les termes archéologiques utilisés dans le texte.
- 557 Notices biographiques.

## ANEXO 3 -TABLE DES ILLUSTRATIONS

### Figures

1. Sites antiques égyptiens et nubiens. *Pages 36-37.*
2. Beau type de Kamite oriental. *Page 48.*
3. Statuette de couleur « rouge sombre » ou « foncée ». *Page 61.*
4. Le souverain Tera Neter. *Page 73.*
5. Narmer (ou Ménès). *Page 74.*
6. Statue du dieu Osiris. *Page 75.*
7. Chéphrèn. *Page 76.*
8. Pharaon Mentouhotep I<sup>er</sup>. *Page 77.*
9. Pharaon Toutankhamon. *Page 78.*
10. Pharaon Toutankhamon (tête). *Page 79.*
11. Pharaon Toutmosis III. *Page 80.*
12. Tête du pharaon Ramsès II. *Page 81.*
13. Le pharaon soudanais Taharqa. *Page 82.*
14. Tête de jeune princesse. *Page 83.*
15. Femme égyptienne. *Page 84.*
16. Statue de boucher. *Page 85.*
17. Statue d'un cuisinier. *Page 86.*
18. Fonctionnaire égyptien. *Page 87.*
19. Égyptien. *Page 88.*
20. Jeune fille égyptienne en bois. *Page 89.*
21. Statue d'un homme égyptien. *Page 90.*
22. Prêtresse égyptienne. *Page 90.*
23. Têtes égyptiennes du Moyen Empire (?). *Page 92.*
24. Dessin de Ginnaeghel. *Page 93.*
25. Buste de Trajan, empereur romain. *Page 94.*
26. Statue de Sérapis (Zeus). *Page 95.*
27. Tête de bronze du Bénin. *Page 95.*
28. Masque Pongwe. *Page 97.*
29. Masque Pongwe. *Page 98.*
30. Statuette Angola. *Page 99.*
31. Art d'Ifé. *Page 100.*
32. Art d'Ifé. *Page 101.*
33. Prisonniers égyptiens (bas-relief d'Ibsamboul). *Page 109.*
34. Terre cuite Nok. *Page 110.*
35. Paysans noirs prisonniers (tombe du pharaon Horemheb). *Page 111.*
36. Captifs de race blanche (aryen, libyen et sémites). *Page 115.*
37. Dessin de la Palette de Narmer. *Page 135.*
38. a. Palette de Narmer. (Photographie du recto.) *Page 138.*  
b. Palette de Narmer. (Photographie du verso.) *Page 139.*
39. La Tour de Babel, exemple de reconstitution de monuments. *Page 161.*
40. Instruments à cordes. *Page 205.*

- 41. Une reine noire de l'antique Soudan. *Page 217.*
- 42. Antiquité africaine : temple soudanais. *Page 228.*
- 43-48. Ecritures négro-africaines. *Pages 344-345.*
- 49. Masque suisse grimaçant. *Page 352.*
- 50. Masque cubiste congolais. *Page 353.*
- 51. Carte des migrations des populations négro-africaines. *Page 363.*
- 52. Jugement du mort par Osiris. *Page 373.*
- 53. Formation du peuple valaf d'après les noms ethniques. *Pages 486-487.*
- 54. Masque Gouro. *Pages 523.*

## ANEXO 4 – PRÉSENTATION (1979)

### PRÉSENTATION

Edition de poche, 1979

Avec vingt-cinq ans de recul on s'aperçoit que les grands thèmes développés dans *Nations Nègres et Culture*, non seulement n'ont pas vieilli, mais sont tous tombés maintenant dans le domaine des lieux communs, alors qu'à l'époque ces idées paraissaient si révolutionnaires que très peu d'intellectuels africains osaient y adhérer. Il y a lieu de rendre hommage ici, au courage, à la lucidité et à l'honnêteté du génial poète, Aimé Césaire : après avoir lu, en une nuit, toute la première partie de l'ouvrage, il fit le tour du Paris progressiste de l'époque, en quête de spécialistes disposés à défendre, avec lui, le nouveau livre, mais en vain ! Ce fut le vide autour de lui.

- L'indépendance de l'Afrique,
- la création d'un Etat fédéral continental africain,
- l'origine africaine et négroïde de l'humanité et de la civilisation,
- l'apport de cette civilisation, donc de la pensée nègre, à la civilisation occidentale dans les sciences, les lettres et les arts,
- l'identification des grands courants migratoires et la formation des ethnies africaines,
- la parenté linguistique entre l'Egypte et l'Afrique Noire,
- la véritable origine du monde sémitique,
- la délimitation de l'aire culturelle du monde noir qui s'étend jusqu'en Asie occidentale dans la vallée de l'Indus,
- la caractérisation des structures politiques et sociales africaines,
- la formation des Etats africains sur tout le continent, après le déclin de l'Egypte, et la continuité du lien historico-culturel, jusqu'à l'aube des temps modernes,
- la description de l'univers artistique africain et de ses problèmes (sculpture, peinture, musique, architecture, littérature, etc.).
- la démonstration de l'aptitude de nos langues à supporter la pensée scientifique et philosophique et, partant, la première transcription africaine non ethnographique de ces langues, etc.

tels sont les grands chapitres de cet ouvrage qui ne font plus frémir les intellectuels africains. Mieux, on sait que depuis plus de dix ans, l'U.N.E.S.C.O. a fait siennes une bonne partie de ces idées touchant à l'histoire africaine et au développement de nos langues nationales.

Ils ne nous a pas paru utile de perfectionner ce livre de départ, au cours de ses rééditions successives. Il doit rester tel qu'il est, comme le témoin permanent de nos premiers efforts pour cerner les problèmes africains. Le développement des thèses et les diverses améliorations se trouvent dans les ouvrages ultérieurs tels que *Antériorité des civilisations Nègres : mythe ou vérité historique ?*<sup>2</sup> *Parenté génétique de l'égyptien pharaonique et des langues négro-africaines*, etc.

Puissent les jeunes qui liront ce livre y trouver des raisons d'espérer, en mesurant le chemin parcouru depuis qu'il est écrit.

Cheikh Anta DIOP

## ANEXO 5 – PREFACE (1954)

### PREFACE

Edition 1954

De nos jours on a l'habitude de se poser toutes sortes de questions ; aussi faut-il se demander s'il était nécessaire d'étudier les problèmes traités dans cet ouvrage. Un examen, même superficiel, de la situation culturelle en Afrique Noire justifie une telle entreprise. En effet, s'il faut en croire les ouvrages occidentaux, c'est en vain qu'on chercherait jusqu'au cœur de la forêt tropicale, une seule civilisation qui, en dernière analyse, serait l'œuvre de Nègres. Les civilisations éthiopienne et égyptienne, malgré le témoignage formel des Anciens, celles d'Ifé et du Bénin, du Bassin du Tchad, celle de Ghana, toutes celles dites néo-soudanaises (Mali, Gao, etc.), celle du Zambèze (Monomotapa), celles du Congo en plein Equateur, etc. d'après les cénacles de savants occidentaux ont été créées par des Blancs mythiques qui se sont ensuite évanouis comme

---

<sup>2</sup> Editions Présence Africaine, Paris, 1967.

en un rêve pour laisser les Nègres perpétuer les formes, organisations, techniques, etc. qu'ils avaient inventées.

L'explication de l'origine d'une civilisation africaine n'est logique et acceptable, n'est sérieuse, objective et scientifique que si l'on aboutit, par un biais quelconque, à ce Blanc mythique dont on ne se soucie point de justifier l'arrivée et l'installation dans ces régions. On comprend aisément comment les savants devaient être conduits au bout de leur raisonnement, de leurs déductions logiques et dialectiques à la notion de « Blancs à peau noire » (Cf. pages 202-203), très répandue dans les milieux des spécialistes de l'Europe. De tels systèmes sont évidemment sans lendemain en ce sens qu'ils manquent totalement de base réelle. Ils ne s'expliquent que par la passion qui ronge leurs auteurs, laquelle transparaît sous les apparences d'objectivité et de sérénité.

Pourtant toutes ces théories « scientifiques » sur le passé africain sont éminemment conséquentes ; elles sont utilitaires, pragmatistes. La vérité, c'est ce qui sert et, ici, ce qui sert le colonialisme : le but est d'arriver, en se couvrant du manteau de la science, à faire croire au Nègre qu'il n'a jamais été responsable de quoi que ce soit de valable, même pas de ce qui existe chez lui. On facilite ainsi l'abandon, le renoncement à toute aspiration nationale chez les hésitants et on renforce les réflexes de subordination chez ceux qui étaient déjà aliénés. C'est pour cette raison qu'il existe de nombreux théoriciens au service du colonialisme, tous plus habiles les uns que les autres, dont les idées sont diffusées, enseignées à l'échelle du peuple, au fur et à mesure qu'elles sont élaborées.

L'usage de l'aliénation culturelle comme arme de domination est vieux comme le monde ; chaque fois qu'un peuple en a conquis un autre, il l'a utilisée. Il est édifiant de souligner que ce sont les descendants des Gaulois contre qui César s'était servi de cette arme qui, aujourd'hui, l'emploient contre nous.

« A la valeur singulière de nos troupes, les Gaulois opposaient des inventions de toute espèce ; car ils sont très industriels et très adroits à imiter et à reproduire tout ce qu'on leur montre. » (César. *La Guerre des Gaules*, Livre III, paragraphe 22.)

On voit bien ici que le conquérant romain déniait aux Gaulois rebelles toute capacité de création, c'est-à-dire ce qui fait la valeur suprême de l'homme et ne leur reconnaissait que les qualités, dites inférieures, d'imitation.

A l'heure actuelle, c'est une situation identique que nous trouvons en Afrique et dans tous les pays colonisés. On saisit le danger qu'il y a à s'instruire de notre passé, de notre société, de notre pensée, sans esprit critique, à travers les ouvrages occidentaux.

Devant cette attitude généralisée des conquérants, une réaction naturelle d'autodéfense était à prévoir au sein du peuple africain, réaction tendant, évidemment, à enrayer le mal quotidien que nous font ces armes culturelles redoutables au service de l'occupant. Il n'y avait pas deux manières de s'y prendre : compte tenu de ce qui précède, ces théories sont, *a priori*, fausses, parce qu'elles ne cherchent pas à atteindre la vérité. Si quelqu'une d'entre elles se souciait de le faire, une éducation occidentale faussée depuis des générations la priverait de la force nécessaire pour y parvenir.

Il devient donc indispensable que des Africains se penchent sur leur propre histoire et leur civilisation et étudient celles-ci pour mieux se connaître : arriver ainsi, par la véritable connaissance de leur passé, à rendre périmées, grotesques et désormais inoffensives ces armes culturelles. Pourtant, cette idée qui devrait n'être qu'un lieu

commun est loin d'être évidente pour tous les Africains et l'on peut distinguer plusieurs tendances à cet égard.

1° LES COSMOPOLITES-SCIENTISTES-MODERNISANTS. – Cette catégorie groupe tous les Africains qui raisonnent de la manière suivante : fouiller dans les décombres du passé pour y trouver une civilisation africaine est une perte de temps devant l'urgence des problèmes de l'heure, une attitude, pour le moins, périmée. Nous devons nous couper de tout ce passé chaotique et barbare et rejoindre le monde moderne technique à la vitesse de l'électron. La planète va s'unifier : il faut se mettre à l'avant-garde du progrès. La science va bientôt résoudre tous ces grands problèmes et rendra caduques ces préoccupations locales et accessoires. On ne saurait avoir d'autres langues de culture que celles de l'Europe qui ont déjà fait leurs preuves : on entend, par-là, qu'elles supportent la pensée scientifique moderne et qu'elles sont déjà universelles.

Ce groupe qui comprend des variantes est le plus intéressant à analyser parce qu'il contient les individus les plus atteints de l'aliénation culturelle. Comme on le voit, il n'y a pour eux d'autre issue que l'assimilation. Leur attitude – lorsqu'ils sont sincères – provient d'une cécité culturelle ou de leur incapacité à proposer des solutions concrètes, valables, aux problèmes qu'il faut résoudre pour que l'assimilation cesse d'être une nécessité apparente ; on nie alors l'existence, l'objectivité de ces problèmes : cela évoque l'autruche. Cette attitude n'est, au fond, qu'un piétinement dangereux car elle donne l'illusion de la marche en avant à pas de géant ; elle masque la tendance à déprécier tout ce qui émane de nous. Le poison culturel savamment inoculé dès la plus tendre enfance, est devenu partie intégrante de notre substance et se manifeste dans tous nos jugements.

De tels individus seraient conséquents avec eux-mêmes et auraient un bel argument en faveur de leur position s'ils pouvaient constater une attitude analogue à la leur chez les Hyper-civilisés qui leur servent de point de mire : les Européens Occidentaux ; s'ils avaient constaté chez ces derniers un mépris et un reniement de toutes leurs valeurs passées pour mieux devenir des Modernes. Mais c'est précisément le contraire ; et ce sont ces Hyper-civilisés, quelles que soient leurs tendances politique ou philosophique qui sont les plus soucieux de sauvegarder leurs cultures nationales respectives. On voit donc que « Modernisme » n'est pas synonyme de rupture avec les sources vives du passé. Au contraire, qui dit « Modernisme » dit « Intégration d'éléments nouveaux » pour se mettre au niveau des autres peuples, mais qui dit « Intégration d'éléments nouveaux » suppose un milieu intégrant lequel est la société reposant sur un passé, non pas sur sa partie morte, mais sur la partie vivante et forte d'un passé suffisamment étudié pour que tout un peuple puisse s'y reconnaître. Encroûter l'âme nationale d'un peuple dans un passé pittoresque et inoffensif parce que suffisamment falsifié est un procédé classique de domination. Mais si l'on veut aller plus loin, si l'on veut effacer un peuple pour prendre sa place dans quelques décades, il faut arriver à désintégrer sa société, c'est-à-dire, amener l'élite – ou ceux que la masse considère comme y appartenant – à participer d'une façon criminelle ou innocente à la désintégration de la société, à la pulvérisation de la partie vivante du passé, à laisser périr les valeurs fondamentales (Histoire, langues, etc.) qui constituaient le ciment de la société. C'est la raison pour laquelle les marxistes les plus avertis, même au cœur du combat le plus rude pour le pain quotidien et l'accession au pouvoir politique, veillent au maintien intégral et à la fortification constante de ces facteurs car ils savent que s'ils ne protégeaient pas ainsi la culture nationale qui garantit la survie de la société pour laquelle ils combattent, leur lutte manquerait d'efficacité.

Un ressortissant de ce groupe pourrait, pour arriver à une conviction, faire le raisonnement suivant qui, sans être brillant, présente l'avantage de conduire à une vérité certaine : « Puisque je fais un crédit illimité à ces Hyper-civilisés dont la sphère d'idées constitue mon système de référence, tout idée valable contenue dans cette sphère l'est pour moi. Or, ce sont eux qui tout en soignant scrupuleusement leur histoire, tout en la glorifiant chaque jour, s'acharnent à falsifier systématiquement la mienne. Je peux donc déduire de leur attitude qui est toujours conséquente que, pour un peuple, il est d'un intérêt inestimable de connaître sa vraie histoire. » L'humanité ne doit pas se faire par l'effacement des uns au profit des autres ; renoncer prématurément et d'une façon unilatérale, à sa culture nationale pour essayer d'adopter celle d'autrui et appeler cela une simplification des relations internationales et un sens du progrès, c'est se condamner au suicide. Quel est le simple d'esprit qui, aujourd'hui, ne serait pas capable de jouer au « Jules Verne » et de prophétiser ainsi, à la manière de Renan, sur l'an 2000 et les progrès que la science et la société réaliseront d'ici là, et, partant, sur le caractère transitoire de toutes nos préoccupations (bas de page 1 : Loin de nous l'idée d'assimiler Renan et Jules Verne à des simples d'esprit.) ? Seulement on oublie que le peuple qui n'est pas pleinement conscient de l'unique chemin historique qui conduit à ces sommets de perfection, à cette ère d'humanité sans couleur, etc. risque de s'égarer en chemin et d'être absent du concert des « nations » à cette époque-là...

Ainsi on voit qu'il n'est pas possible de partager l'attitude de ce premier groupe qui consiste à nier l'efficacité et l'utilité de la lutte contre l'aliénation culturelle, c'est-à-dire à nier l'existence de cette dernière alors qu'elle justifie les trois quarts de notre conduite.

Il n'est pas étonnant que la majorité de ce groupe ne soit pas composée de scientifiques. Bien sûr, il faudra que l'Afrique assimile la pensée scientifique moderne le plus rapidement possible ; on doit même attendre davantage d'elle : pour combler le retard qu'elle a accumulé dans ce domaine depuis quelques siècles, il lui faut entrer sur la scène de l'émulation internationale et contribuer à faire avancer les sciences exactes dans toutes les branches par l'apport de ses propres fils. Mais ne nous faisons pas trop d'illusions : une telle entreprise ne se réalisera pleinement que le jour où l'Afrique sera totalement indépendante. Ce serait un suicide pour le régime colonialiste de permettre la formation de cadres techniques à un rythme efficace dans les pays dominés. A ce sujet les programmes sont étalés sur une durée suffisante pour que, parallèlement, on ait assez transformé le milieu et le rapport numérique entre colons et indigènes afin que l'Afrique ne soit plus aux Africains. Chaque fois que les colonialistes nous invitent à une collaboration pour un progrès commun de nos deux peuples ils ont cette arrière-pensée d'arriver, avec le temps, à nous supplanter. Voilà pourquoi, tout ce qu'ils nous offrent n'est qu'un vaste mirage qui peut égarer un peuple entier, grâce à la complicité de quelques-uns. On assiste, tout au plus, à l'émergence de quelques individus, oubliant presque ainsi les bases théoriques de l'individualisme bourgeois occidental qui attribue le progrès de l'humanité à quelques génies.

Il devient donc clair que c'est seulement l'existence d'Etats Africains Indépendants fédérés au sein d'un Gouvernement central démocratique, des côtes libyques de la Méditerranée au Cap, de l'Océan Atlantique à l'Océan Indien, qui permettra aux Africains de s'épanouir pleinement et de donner tout leur mesure dans les différents domaines de la création, de se faire respecter – voire aimer – de tuer toutes les formes de paternalisme, de faire tourner une page de la philosophie, de faire progresser l'humanité en rendant possible une fraternisation entre les peuples qui deviendra alors

d'autant plus facile qu'elle s'établira entre Etats indépendants au même degré et non plus entre dominants et dominés.

Aussi partisans du progrès et du modernisme abstraits qui évitent de poser le problème de cette manière, de mentionner que le progrès auquel ils semblent de cette manière, de mentionner que le progrès auquel ils semblent aspirer n'est pas possible dans le régime colonial où ils se trouvent – dans la mesure où ils ne sont pas simplement des irresponsables – ne peuvent manquer de mesurer la portée de leur attitude.

En conclusion, on peut citer la réponse que Lénine avait faite en de semblables circonstances ; durant sa lutte pour l'accession au pouvoir, le Parti Communiste Bolchevik connut les mêmes difficultés et l'on vit des opportunistes développer l'idée du progrès technique et de la formation des cadres comme premier but à atteindre. Lénine répliqua : pourquoi ne pas d'abord conquérir le pouvoir politique, chausser ensuite des bottes de sept lieues et marcher à pas de géants ?

2° L'INTELECTUEL QUI A OUBLIÉ DE SOIGNER SA FORMATION MARXISTE ou celui qui a étudié rapidement le marxisme dans l'absolu sans en avoir jamais envisagé l'application au cas particulier qu'est la réalité sociale de son pays.

Les éléments de cette tendance qualifient, volontiers, notre attitude de : réactionnaire, bourgeoise, raciste, nazie (bas de page 1 : On peut craindre aussi que nous fassions de la géopolitique ou du social-darwinisme.) ...

Ils pensent, au fond, que les résultats atteints sont trop beaux pour être exacts et ils ont du mal à les admettre.

Il faut, ici, rappeler ce qui vient d'être écrit sur la nécessité pour un peuple de connaître son histoire et de sauvegarder sa culture nationale. Si celles-ci n'ont pas encore été étudiées, c'est un devoir de le faire. Il ne s'agit pas de se créer, de toutes pièces, une histoire plus belle que celle des autres, de manière à doper moralement le peuple pendant la période de lutte pour l'indépendance nationale, mais de partir de cette idée évidente que chaque peuple a une histoire. Ce qui est indispensable à un peuple pour mieux orienter son évolution, c'est de connaître ses origines, quelles qu'elles soient. Si par hasard notre histoire est plus belle qu'on ne s'y attendait, ce n'est là qu'un détail heureux qui ne doit plus gêner dès qu'on aura apporté à l'appui assez de preuves objectives, ce qui ne manquera pas d'être fait ici.

Alors que les échafaudages des théoriciens du nazisme ne résistaient pas à la moindre analyse objective des faits, ici plus d'un spécialiste combattra les faits qui sont apportés par les arguments évasifs qui ne satisferont même pas les exigences intellectuelles d'un profane.

On peut également citer Lénine pour faire réfléchir ceux qui craignent une attitude bourgeoise :

« Mais vous commettez une erreur si vous en concluez qu'on peut devenir communiste sans s'être assimilé ce que les connaissances humaines ont accumulé. Il serait erroné de penser qu'il suffit de s'assimiler les mots d'ordre communistes et les conclusions de la science communiste sans s'assimiler la somme de connaissances dont le communisme est lui-même la conséquence...

« La culture prolétarienne ne surgit pas toute faite on ne sait d'où, elle n'est pas une invention d'hommes qui se qualifient spécialistes en la matière. Pure absurdité. La

culture prolétarienne doit apparaître comme le développement naturel de la somme des connaissances élaborées par l'humanité. » (2 octobre 1920)

Ces réflexions générales sur la culture prolétarienne sont applicables au cas particulier de chaque peuple.

On peut se demander ce que pensent nos intellectuels en présence de l'attitude de la Chine communiste qui, par souci de sauvegarder sa culture nationale rejette l'idée de remplacer son écriture hiéroglyphique par les caractères phéniciens universels.

Dans la mesure où il s'agissait de réfuter des idées telles que : la civilisation égyptienne est d'origine blanche, asiatique ou européenne, il devenait nécessaire – pour éviter toute équivoque sur le contenu des termes – de recourir à des phrases telles que : non, elle est d'origine nègre africaine. Car si on se contentait de l'expression « peuple africain », on manquerait de précision : il ne faut donc pas que le lecteur voie dans l'usage du terme « Nègre » une intention raciste ; qu'il y voie l'unique souci de clarté de l'auteur. Les racistes conscients ou inconscients, ce sont ceux qui nous obligent à réfuter leurs écrits par de pareils termes.

3° LES ANTI-NATIONALISTES FORMALISTES. – Ces sont ceux qui pourraient être offusqués par le titre « Nations Nègres et Culture ». Le premier titre envisagé – devenu sous-titre, parce que trop long – était : « De l'antiquité nègre-égyptienne aux problèmes culturels de l'Afrique Noire d'aujourd'hui » ; sans doute n'est-il pas plus satisfaisant. On peut leur faire remarquer que ce n'est pas parce que Staline a écrit « Le marxisme et la question nationale et coloniale », un livre dont le titre contient le terme de « nationale », qu'il fut nationaliste. On ne doit retenir du « nationalisme » que les deux thèmes qu'en retiennent les marxistes :

- a) la culture nationale,
- b) l'indépendance nationale.

D'aucuns se lancent aussitôt dans une sophistique économiste pour démontrer – on ferait mieux de dire : constater – qu'en cette ère d'interdépendance économique, il est vain de parler d'indépendance nationale. Ceux-là, s'ils sont sincères, montrent bien ainsi qu'ils ne voient pas clairement la nature de cette interdépendance. Certes, l'époque des petites économies nationales fermées est révolue et on constate l'existence d'un marché international alimenté en produits de tous les continents grâce à l'acquisition de la vitesse qui a réduit les distances : ce sont là idées courantes que l'on entend exposer tous les jours.

Quel serait le problème économique qu'autait à résoudre un Etat Africain puissant qui s'étendrait sur la quasi-totalité du continent, dont les frontières iraient de la Méditerranée libyque au Cap et de l'Océan Atlantique à l'Océan Indien ? Il aurait à vendre sur le marché international ses produits en excédent et à y acheter ce dont il manque le plus, tout en évitant de subir la pression d'un monstre économique quelconque. Considérant le degré de puissance qu'atteindrait un tel Etat il ne dépendrait économiquement des autres qu'autant que ces derniers dépendraient de lui. Telle doit être notre conception de l'interdépendance économique : éviter à tout prix de dépendre des autres plus qu'ils ne dépendent de nous, car il s'ensuivrait, automatiquement, des liens unilatéraux de colonisation et d'exploitation. C'est ce qui rend impérieuse l'idée de Fédération de tous les Etats Noirs du continent.

Il est facile d'épiloguer afin de prouver que l'indépendance de la petite colonie du Sénégal, de la Côte d'Ivoire, du Togo, du Dahomey, etc., ne serait qu'illusoire car elles



auraient à subir aussitôt, toutes sortes de pressions extérieures et tomberaient automatiquement, par le jeu des forces économiques, dans l'orbite d'une grande puissance. La solution fédérale détruit cette objection.

On se demande parfois ce qu'on pourrait assimiler à des Nations en Afrique. Il serait aisé d'appliquer la définition de Staline aux Ethiopiens, Bambaras, Valafs, Zoulous, Yoroubas, etc. Au Soudan, Côte d'Ivoire, Togo, Sénégal, Guinée, Niger, Kenya, Afrique du Sud, Soudan dit « Anglo-Egyptien », existent des noyaux de nations qui se consolideront dans la lutte pour l'indépendance. Tandis qu'on peut prévoir déjà, pour chacune de ces régions – avec peu de chance d'erreur – quelles sont les langues qui s'imposeront ; tandis que la communauté de culture, d'histoire, de psychisme ne fait aucun doute, bien que le milieu géographique présente une certaine unité, il serait vain de chercher à déterminer aujourd'hui quelles seront les frontières exactes de ces Nations. Le problème se règlera comme cela est en train de se faire pour l'Inde : c'est-à-dire que les frontières actuelles tracées pour la commodité de l'exploitation colonialiste – sinon au hasard – ne sont pas forcément inviolables et nous devons éduquer notre conscience en vue de la rendre apte à accepter une future modification.

En réalité, les Formalistes ont tout simplement peur de ne pas être à la page. Leur attitude masque un certain snobisme intellectuel ; si elle était conséquente – dans le sens de l'intérêt du peuple – elle les conduirait au progressisme, ce qui est loin d'être le cas.

Les milieux colonistes mènent une campagne orchestrée contre le nationalisme dans les pays dominés, essaient de prendre les devants pour le faire avorter partout ; car notre nationalisme, même le plus chauvin, a des conséquences redoutables pour eux : il pulvérise leurs privilèges et balaie leur domination avec la violence d'un torrent.

Aussi peut-on constater que ceux qui nous enseignent que le nationalisme est dépassé sont :

A) *des nationalistes métropolitains bourgeois* qui, après avoir lutté dans leur pays et réalisé leurs propres aspirations seraient incommodés par une action similaire de notre part. Ils pourraient nous dire aussi : « Mais que deviendrons-nous si vous en faites autant ? »

B) *des nationalistes métropolitains bourgeois qui s'ignorent* : ils n'arrivent pas à se défaire de l'idée que la patrie française doit, d'une manière ou d'une autre, arriver à garder ses colonies. Eux aussi se demandent ce que deviendrait la France sans ses possessions : ils pensent qu'on peut trouver une forme viable de l'Union Française et sont à la recherche d'une formule de rechange. Pour mieux faire apparaître l'anomalie de cette juxtaposition d'une Métropole et de ses colonies, supposons le fait généralisé en Afrique : celle-ci serait alors condamné à être fragmentée éternellement entre la France, l'Angleterre, le Portugal, l'Espagne, l'Afrique du Sud du D<sup>r</sup> Malan, etc. Si on arrivait à masquer un tel morcellement de l'Afrique sous le vocable de progrès et de démocratie, notre pays ferait les frais de la démocratie mondiale en ce sens qu'il resterait divisé et exploité d'une façon unilatérale.

Nous avons donc un devoir à accomplir à l'égard de l'Europe : nous devons l'aider à se guérir des vieilles habitudes contractées par suite de l'exercice du colonialisme, l'amener à saisir le vrai sens de ses intérêts qu'elle n'arrive même plus à localiser. L'Europe toute seule est trop faible et a besoin d'un secours pour arriver à se faire. Or, elle se fera sans retard et sur des bases réellement démocratiques le jour où elle sera persuadée de la perte définitive de l'Afrique ; alors une Fédération européenne apparaîtra comme l'unique solution à tous ceux qui, jusqu'alors, se demandaient ce que deviendrait leur pays sans ses colonies.

4° Il pourrait exister un groupe composé d'éléments pensant que seule la lutte pour le pain quotidien importe, tout le reste n'étant que préoccupation d'intellectuel : il faut éviter de s'embarrasser de faux problèmes. On pourrait alors leur citer en exemple, le cas du Viet-Nam qui a été obligé de résoudre ces « faux problèmes » dans la jungle où il a fallu instituer un enseignement en langue vernaculaire pour la formation des cadres. D'autre part, tout ce qui précède montre que l'on ne s'occupe de ces problèmes de culture que pour donner à cette lutte toute son efficacité pour la transformer en une lutte d'indépendance nationale.

\*\*

Cet ouvrage n'est pas une « invention » sur des questions données : quiconque voudra se servir du marxisme comme guide d'action sur le terrain africain arrivera sensiblement aux mêmes conclusions.

Mais comprenons-nous bien. Je tiens à dire que je ne fais aucune allusion à la véracité de la religion musulmane ou chrétienne. Je pense que tout Africain sérieux qui veut être efficace dans son pays à l'heure actuelle évitera de se livrer à des critiques religieuses. La religion est une affaire personnelle. Ici il est question uniquement des problèmes concrets qui doivent être résolus pour que chaque croyant puisse pratiquer librement sa religion dans des conditions matérielles meilleures. Il serait donc malhonnête de lire ce livre avec l'intention secrète d'y trouver un seul mot permettant de le jeter en criant au blasphème.

PREFACE

Edition 1964

Ce livre a été écrit pendant les années difficiles (1948-1953) de lutte anticolonialiste où l'on donnait, volontiers, livre cours aux passions.

Certains soupçonnaient, alors, une attitude tendancieuse, mais qu'ils qualifiaient de compréhensible, visant à doper les peuples culturellement déshérités, pendant la phase de lutte pour l'indépendance.

La formation intellectuelle des Africains qui n'en était qu'à ses débuts, était, en général, trop inconsistante pour leur permettre de se faire une opinion personnelle sur la thèse soutenue, sans s'appuyer, au préalable, sur l'opinion d'une autorité sacro-sainte.

Aujourd'hui les uns et les autres peuvent mieux juger de l'objectivité de notre position d'alors.

On peut constater l'absence de traces de haine ou de racisme à rebours, en relisant ce livre, avec dix ans de recul. Certes j'aimerais revenir sur tant d'imperfections, de détail surtout qui y sont contenues, si j'en avais le temps. Mais je ne renie aucun des grands thèmes développés touchant à l'origine nègre des civilisations éthiopienne, égyptienne, à l'étendue et l'ancienneté du substratum nègre de l'humanité, à l'antériorité de la culture méridionale autour de la Méditerranée, à la parenté culturelle des peuples africains, à la possibilité pour ces peuples de bâtir une culture moderne bénéficiant des acquis de l'humanité, etc.

Du reste l'égyptologie commence à flirter avec l'Afrique Noire. Tant mieux pour sa fécondité ; mais c'est l'entrée en scène des chercheurs africains qui sera l'élément décisif. Cette catégorie d'hommes pouvant juger d'eux-mêmes, sans l'appui intellectuel d'autrui, de leurs choses propres, et qui n'existait pas il y a dix ans, commence à voir le jour.

Il faut reconnaître que des tentatives ont été faites au moment opportun, et cela continue, pour conditionner ces futurs chercheurs, pour les canaliser vers une voie moyenne, sympathique et médiocre, culturellement inoffensive, en un mot, douée de toutes les vertus. Pourtant il est dans l'ordre des choses que cet effort colossal reste vain.

On a tendance à croire que toute pensée, toute activité intellectuelles devant contribuer à l'éveil de la conscience culturelle d'un peuple, doivent, forcément, pécher sur le terrain scientifique. Il y avait un moyen d'éviter cette maladie infantile de la recherche culturelle dans le cadre de notre entreprise. Il suffisait d'admettre que chaque peuple a un passé, si modeste soit-il, qu'il est relativement possible de le découvrir par une investigation appropriée. Mais il faudrait alors s'entendre sur l'importance des facteurs. Si nos historiens, ethnologues, sociologues traditionnels avaient réalisé pleinement, comme on est en droit de s'y attendre, que l'essentiel pour un peuple c'est moins de pouvoir se glorifier d'un passé plus ou moins grandiose que de découvrir et de prendre conscience de la continuité de ce passé quel qu'il fut, ils ne se seraient pas livrés à une fausse interprétation. Ce facteur seul est déterminant pour la vivification de la conscience nationale. Or, pour atteindre un pareil objectif point n'est besoin d'altérer sciemment les faits. Lorsqu'au cours de nos recherches nous avons abouti à la certitude que l'Egypte ancienne fait partie du monde nègre, cela nous a ébloui et crée autant de difficultés. Je ne pouvais tout de même pas déformer la vérité historique, par complaisance, en inventant d'autres origines aux peuples africains pour donner

l'impression d'un travail plus « sérieux », plus « scientifique ». surtout plus acceptable aux yeux des nombreux spécialistes qui, lorsqu'ils font remonter l'origine de la race noire à quelques millénaires, croient faire une concession majeure. Ce fut donc un véritable dialogue de sourds.

Le temps me fait défaut pour tenter une refonte de *Nations Nègres*. La 2<sup>e</sup> édition est donc identique à la première. J'aurais pourtant aimé modifier le système de transcription employé dans la 2<sup>e</sup> partie consacrée aux langues africains pour la rendre plus accessible. En ce qui concerne la 1<sup>re</sup> partie, on trouvera dans *Antériorité des civilisations nègres – Mythe ou réalité ?* la plupart des modifications que j'y aurais apportées, sous une forme plus développée. La première préface qui est conservée paraît anachronique aujourd'hui car nous avons accédé à l'indépendance depuis, et l'on n'a plus besoin de discuter pour savoir si celle-ci est devant ou derrière nous. Elle reflète, cependant, les difficultés que les générations même qui devaient lutter pour libérer l'Afrique, éprouvaient à poser correctement les problèmes politiques et culturels de notre continent.

*L'ouvrage est divisé en deux parties : la première traite de l'histoire africaine, la seconde des autres aspects de la culture nationale.*

## COMMENT SE POSE LE PROBLÈME DE L'HISTOIRE AFRICAINE ?

*Tandis que l'Européen peut remonter le cours de son histoire jusqu'à l'antiquité gréco-latine et les steppes eurasiatiques, l'Africain qui, à travers les ouvrages occidentaux, essaie de remonter dans son passé historique s'arrête à la fondation de Ghana (III<sup>e</sup> s. av. ou III<sup>e</sup> ap. J.C.). Au-delà, ces ouvrages lui enseignent que c'est la nuit noire. Que faisaient ses ancêtres sur le continent depuis la Préhistoire ? Comment se fait-il qu'ils aient tant attendu pour surgir de l'ombre avec une organisation sociale perfectionnée ? Ont-ils toujours habité l'Afrique venaient-ils d'ailleurs ?*

*Tandis que le ressortissant de l'Afrique Occidentale peut contempler ainsi deux mille ans d'histoire, ceux des autres régions sont « moins favorisés » : dans les bassins du Congo, du Zambèze, dans la région des Grands Lacs, les manuels occidentaux ne permettent guère de remonter – sans solution de continuité – au-delà de quelques siècles.*

*Ces trous dans l'histoire africaine restent inexplicables aussi longtemps que l'on aborde mal le problème : on s'est évertué à chercher à l'intérieur du continent, sur place, la stratification des civilisations successives. Le problème général qui se pose donc pour l'histoire africaine est d'arriver, par des recherches fructueuses, à rattacher, non d'une façon hypothétique, mais effective, tous ces tronçons de passé à une antiquité, une origine commune qui rétablit la continuité. Il faut donc montrer qu'en prenant au sérieux les dépositions unanimes de toute l'antiquité savante et philosophique qui témoignent que les Ethiopiens et les Egyptiens étaient des Nègres, comme tous les autres naturels de l'Afrique, on rétablit la clarté sur un point d'histoire qui n'est devenu réellement obscur que depuis un siècle, avec l'apogée de l'impérialisme. Si les Anciens n'ont pas été victimes d'un mirage il doit être aisé de tirer une autre série d'arguments et de preuves du rapprochement de l'histoire et des sociétés éthiopiennes, égyptiennes et de celles du reste de l'Afrique. L'histoire africaine ainsi raccordée à celle de l'Egypte et de l'Ethiopie, tout rentre dans l'ordre, et l'on voit que Ghana a surgi à l'intérieur du continent au moment du déclin de l'Egypte (I : et de Carthage.), tout comme en Occident les Empires sont nés avec le déclin de Rome.*

*Toute cette première partie, intitulée « Qu'étaient les Egyptiens ? » traite uniquement de l'origine nègre de ces derniers et rappelle qu'il en est de même pour les Ethiopiens. On y montre également comment l'Afrique s'est peuplée à partir de la Vallée du Nil. Enfin, on y rappelle l'apport de l'Ethiopie et de l'Egypte à la civilisation et le bénéfice moral que les Africains peuvent en tirer.*

*La seconde partie est consacrée à la solution de problèmes pratiques, ceux qu'il faudra résoudre pour qu'une culture nationale existe : multiplicité des langues, manque d'un vocabulaire technique, scientifique et philosophique dans celles-ci. Méconnaissance de leur grammaire, inexistence d'œuvres écrites en ces langues, barrières ethniques,*

*stratification de la société en castes, structures économiques qui sont à l'origine de ces stratifications, ce qu'est notre art et notre littérature, ce que nous pouvons en tirer.*

*On ne pouvait réussir cette étude qu'en localisant le problème dans un cadre suffisamment connu. Il fallait, parmi les quelques langues africaines qui ont des chances de devenir nationales, en choisir une à titre d'exemple d'étude et aborder tous les problèmes linguistiques qui ont été indiqués, montrer d'une façon concrète la solution des questions qui se posent. Le lecteur ne doit pas voir dans le choix du walaf autre chose qu'un exemple valable pour chaque nationalité : il est évident que si l'on arrive à indiquer une solution au problème des minorités dans le cadre de la nationalité walaf, à exprimer dans la langue des concepts mathématiques, physiques, etc., à traduire des textes de toutes sortes, l'exemple vaut, à fortiori, pour les langues des autres nationalités.*

*Bien qu'on se soit efforcé, au maximum, d'éliminer les aspects fastidieux de la linguistique, la lecture de cette seconde partie ne sera pas comparable à celle d'un roman. La parenté du Valaf-Diola-Sérère-Peul-Baguirrien-Ronga-Egyptien-Sara, loin d'étonner le lecteur, doit lui révéler une profonde identité d'origine culturelle qui fait que les langues africaines forment une grande famille comparable à la famille indo-européenne.*

*Devant les exemples choisis un intellectuel urbain pourra réagir défavorablement en constatant qu'il lui faut des heures pour comprendre les textes traduits en walaf et que, partant, une telle tentative n'a rien de pratique. Il oublie à ce moment, que son cas n'est que l'exception et que les 99,99% du peuple walaf qui vit à l'intérieur du pays et dont il est totalement coupé, s'ils avaient sa formation intellectuelle ou s'ils connaissaient seulement les caractères phéniciens utilisés, liraient ces textes avec une facilité déconcertante. Cet intellectuel apparaît donc comme le thermomètre qui nous permet de mesurer le degré du danger d'aliénation culturelle que nous sommes en train de subir. Il doit donc faire comme ces intellectuels irlandais, dont il est question dans cet ouvrage qui, pour échapper à semblable menace, se sont astreints à réapprendre leur langue maternelle.*

*\*\**

*L'ensemble du travail n'est qu'une esquisse où manquent toutes les perfections de détail. Il était humainement impossible à un seul individu de les y apporter : ce ne pourra être que le travail de plusieurs générations africaines. Nous en sommes conscients et notre besoin de rigueur en souffre : cependant, les grandes lignes sont solides et les perspectives justes.*

## INTRODUCTION

Supposons, avec l'égyptologie moderne, que les Egyptiens aient été de race blanche. Ils ont eu des contemporains, grecs et romains, qui les ont côtoyés. Ceux-ci avaient l'esprit scientifique et philosophique autant que les Occidentaux modernes ; ils ont écrit sur tous les événements de leur temps ; en particulier, ils ont parlé de leur propre histoire et de leur race comme de celles des autres peuples contemporains. Ils étaient donc bien placés pour renseigner la postérité sur les caractères ethniques des peuples qui vivaient autour de la Méditerranée, et ils n'ont pas manqué de le faire.

L'ensemble de ces témoignages a paru si juste, après vérification, qu'en rédigeant l'histoire de l'antiquité on n'a fait que recopier les Anciens : Hérodote, Diodore, Strabon, Pline, Tacite, etc., à peu de chose près.

Or, ces auteurs, dont les écrits se sont révélés d'une exactitude surprenante à propos d'événements et de questions parfois très délicats et très complexes, nous ont unanimement renseignés sur un fait qui leur tombait sous le sens et sur lequel ils ne pouvaient se tromper : la race des Egyptiens. Tous nous apprennent que les Egyptiens étaient des Nègres, comme les Ethiopiens et les autres Africains ; que l'Egypte a civilisé le monde. Si l'idée des Modernes, selon laquelle les Nègres ont toujours vécu sous la domination des Blancs et n'ont jamais joué un rôle dans l'histoire est fondée, elle aurait dû être plus vraie dans l'antiquité. Le complexe de supériorité de l'ancêtre blanc de l'Egyptologue moderne aurait dû être alors beaucoup plus accusé et aucun égarement, aucune confusion, aucun hasard ne devrait permettre de trouver dans ses écrits de tels témoignages sur le peuple égyptien. On ne peut tenter, sérieusement, d'atténuer la valeur de ces témoignages, car les Anciens, - comme des « enfants terribles » - n'ont cessé de les répéter comme une évidence sur laquelle ils s'appuyaient pour justifier l'origine de telle ou telle coutume que les Grecs avaient empruntée aux Nègres d'Egypte. L'attitude actuelle consiste, non pas à se servir de ces témoignages comme premiers matériaux de la science égyptologique, mais à faire commencer la « science » avec la réfutation, à tout prix de ces « billevesées » : ces phrases sont « absurdes » ; c'est comme si, tout d'un coup, les spécialistes perdaient le sens des mots, comme si ceux-ci avaient, spontanément, revêtu un sens ésotérique. C'est ce qui explique la sensation de vide qui s'empare du lecteur – malgré la complication savante des ouvrages – en présence des chapitres qui traitent de l'origine des Egyptiens. Certains, même, s'écarteront sciemment du sens de l'original et livrent au public des traductions où l'on tente d'atténuer les sens des mots en remplaçant « noir » par « brun ». On ne saurait prétendre avoir un esprit scientifique si l'on n'est pas capable d'admettre l'inhabituel et une question très grave se pose : quelle peut être l'attitude de ceux qui rejettent systématiquement ces documents écrits lorsqu'ils rencontrent sur le terrain des fouilles des témoins matériels (momies nègres, peintures, etc.) qui confirment les constatations des Anciens ? Quel sort ont-ils réservé à ces documents ? On a détruit des milliers de momies : comment étaient-elles ? Les faits étaient trop rebelles, il fallut les contraindre à se ranger dans le cadre des idées a priori.

## ANEXO 9 – NOTICES BIOGRAPHIQUES

### Notices Biographiques

Nous donnons ici quelques notices biographiques à l'intention du lecteur non spécialiste.

AMELINEAU : *Abbé* Emile (1850-1915). Archéologue français et professeur d'Histoire des religions à l'Ecole pratique des hautes études, Paris. Il entreprit des fouilles à Abydos et on lui attribue la découverte du tombeau d'Osiris.

ARAMBOURG : Camille (1885- ). Paléontologue et anthropologue français ; professeur au Museum national d'histoire naturelle à Paris.

BACHOFEN : Johann Jakob (1815-1887). Juriste et « philosophe de l'histoire » suisse.

BATOUTA : Ibn (1304-1377). Ecrivain et voyageur musulman né à Tanger. Il visita le vieux Empire de Mali en 1352. Selon Basil Davidson (cf. *The African Past*, p. 80), « sa narration reste la meilleure du genre ».

BAUMANN : Hermann (1902- ). Anthropologue allemand.

BORY DE SAINT-VINCENT : Jean-Baptiste-Marcellin, *baron* (1778-1846). Naturaliste français, un des collaborateurs du *Dictionnaire classique d'histoire naturelle* (Paris, 1822-1831).

BOULE : Marcellin (1861-1942). Savant français. Directeur de l'Institut de paléontologie humaine ; professeur au Muséum national d'histoire naturelle.

BREASTED : James Henry (1865-1935). Egyptologue américain ; professeur d'Egyptologie à l'Université de Chicago à partir de 1895 ; Directeur du *Oriental Institute* à partir de 1919 ; écrivain prolifique.

BREUIL : *Abbé* Henri (1877-1916). Archéologue français, spécialiste du Paléolithique. « Il a étudié chaque grotte importante de l'Europe, est allé au Sahara pour en découvrir d'autres et a exploré les rochers décorés de la Corne de l'Afrique (...) » (cf. K.E. Meyer : *The Pleasures of Archeology*, Atheneym, New York, 1971, p. 37).

BRION : Marcel (1895- ). Critique d'art et romancier français. Auteur de livres sur l'archéologie, la peinture allemande, l'art romantique, etc. Membre de l'Académie française (1964).

BRUGSCH : Karl Heinrich (1827-1894). Egyptologue allemand. Directeur de l'Ecole d'égyptologie au Caire (1870-1879) ; professeur à Göttingen (1868) ; il publia parmi d'autres ouvrages le *Dictionnaire géographique de l'ancienne Egypte* (Leipzig, 1879-1880).

BUDGE : *sir* Ernest Alfred Wallis (1857-1934). Savant britannique ; collectionneur d'antiquités pour le *British Museum* ; fonctionnaire du musée.

CAILLIAUD : Frédéric (1787-1869). Minéralogiste et voyageur français. Il visita l'Egypte pour la première fois en 1815 et fut employé pour découvrir les mines d'émeraude décrites par les historiens arabes. Il revisita le pays en 1819 ; en 1821 il explora le Haut-Nil et découvrit les ruines de Méroë.



CAPART : Jean (1877-1947). Egyptologue belge et spécialiste de l'art égyptien. Directeur du Musée royal à Bruxelles ; conseiller du *Brooklyn Museum*.

CHAMPOLLION : Jean François dit le Jeune (1790-1832). On l'a appelé « le fondateur de l'égyptologie » parce qu'il parvint le premier à déchiffrer les hiéroglyphes. Linguiste précoce et doué, il maîtrisa six langues orientales ainsi que le grec et le latin à seize ans ; il enseigna d'abord à Grenoble et fut nommé au Collège de France en 1831.

CHAMPOLLION-FIGEAC : Jacques-Joseph (1778-1867). Philologue français qui s'intéressa à l'archéologie égyptienne, il éduqua son frère cadet célèbre. Professeur de grec et bibliothécaire à Grenoble, il fut nommé plus tarde Directeur du Département des manuscrits à la Bibliothèque nationale, Paris.

CHERUBINI : Salvatore (1797-1869). Artiste italien, fils du compositeur. Il accompagna Champollion en Egypte en 1828. Il se fit naturaliser français et fut nommé Inspecteur des Beaux-Arts.

CHILDE : V. Gordon (1892-1957). Préhistorien britannique, professeur d'archéologie préhistorique à l'Université d'Edimbourg ; directeur de l'Institut d'archéologie à l'Université de Londres (1946-1956). Parmi ses ouvrages : *Man Makes Himself* (1951) et *What Happened in History* (1954).

CONTENAU : Georges (1877- ). Orientaliste français ; spécialiste d'études perses et babyloniennes ; fonctionnaire au Musée du Louvre.

DELAFOSSÉ : Maurice (1870-1926). Africaniste français ; auteur d'un ouvrage sur les Noirs d'Afrique et d'autres ouvrages ayant trait à l'Afrique occidentale « française ».

DESPLAGNÉS : Louis (1878-1914). Archéologue français.

DIEULAFOY : Marcel-Auguste (1844-1920). Archéologue français, il entreprit des fouilles à Susa.

DIODORE DE SICILE : historien grec (100 av. J.-C.). Originaire de la Sicile, il vécut en Alexandrie et à Rome.

FRAZER : *sir* James George (1854-1914). Anthropologue écossais. Historien des religions primitives et de la mythologie ; auteur du *Rameau d'or*.

FROBENIUS : Leo (1873-1938). Ethnologue allemand qui a entrepris 12 expéditions en Afrique entre 1904 et 1935.

FURON : Raymond (1898- ). Géologue français ; ancien président de l'Institut géographique national, professeur à l'Université de Paris. Auteur de nombreux ouvrages sur la géologie de l'Afrique, la paléontologie, l'Iran, le problème de l'eau, etc.

GOBINEAU : Joseph-Arthur *comte* de (1816-1882). Auteur et diplomate français dont les thèses racistes ont influencé les Nazis.

GRIAULE : Marcel (1898-1956). Ethnologue français, la plupart de ses recherches portèrent sur les Dogons.

HADDON : Alfred Cort (1855-1940). Anthropologue britannique. Professeur de zoologie à Dublin (1880). En 1895 il fut nommé Maître de conférences d'anthropologie physique à Cambridge (son *alma mater*).

« La vie de Haddon est, dans une grande mesure, l'histoire de l'anthropologie moderne » (cf. A. H. Quiggin : *Haddon The Head-Hunter*, Cambridge University Press, 1942).

HAMY : Ernest-Théodore (1842-1908). Anthropologue français. Professeur au Muséum national d'histoire naturelle, Paris. Il écrivit sur l'âge de la pierre en Egypte et sur les races humaines aperçues sur les monuments. Membre de l'Institut.

HARTMANN : Eduard *von* (1842-1906). Philosophe et savant allemand.

HERODOTE : (484 ?-425 ? av. J.-C.). Historien grec surnommé « le père de l'histoire ».

HOEFER : Ferdinand (1811-1878). Savant français. Auteur de plusieurs ouvrages ayant trait à la Chaldée, l'Assyrie, la Médie, la Babylonie, la Mésopotamie et la Phénicie. En plus, il a écrit des ouvrages sur l'Afrique australe, la chimie, la botanique et les mathématiques.

HOUSSAYE : Frédéric-Arsène (1860-1920). Naturaliste français.

JEFFREYS : Mervyn David Waldegrave. Ancien commandant de Cercle à Bamenda (Cameroun « britannique ») qui en 1944 « a travaillé avec les Nègres de l'Afrique occidentale pendant 25 ans ».

KÂTI : Mahmud (1468- ). Savant soninké ou sarakolé qui travailla avec Askia Muhammad ; auteur du *Tarikh el Fettach*.

KHALDOUN : Ibn. Historien arabe du X<sup>IV</sup>e siècle.

LARREY : Dominique-Jean *baron* (1766-1842). Chirurgien militaire français. Il accompagna Napoléon en Egypte.

LEAKEY : Louis Seymour Bazett (1903- 1972). Archéologue britannique né à Kabete (Kenya) ; fils de missionnaires anglais. Conservateur du *Coryndon Memorial Museum*, Nairobi (1945-1961). Célèbre pour ses fouilles importantes, il découvrit le zinjanthrope au Kenya (Olduvai). Membre de la *British Academy*, titulaire de la « *Royal Medal* » de la *Royal Geographical Society*.

LENORMANT : François (1837-1933). Archéologue français ; membre de l'Académie des inscriptions et belles-lettres. Professeur à la Bibliothèque nationale, il fonda la *Gazette archéologique* en 1875.

LEPSIUS : Karl Richard (1810-1884). Egyptologue allemand ; Conservateur des collections égyptiennes à Berlin à partir de 1865.

LÉVY-BRUHL : Lucien (1857-1939). Sociologue français, il publia des ouvrages sur la mentalité et l'âme primitives.

LINNÉ : Carl *von* (1707-1778). Naturaliste suédois.

LLOYD : Seton (1902- ). Archéologue britannique. Il entreprit des fouilles en Egypte (1929-1930), en Irak (1930-1937) et en Turquie (1930-1937). Directeur du *British Institute* à Ankara (1949-1961) ; professeur d'archéologie de l'Ouest asiatique à l'Université de Londres (1962-1969). Actuellement, professeur honoraire.

MAES : Joseph. Ethnologue belge, il publia plusieurs études sur les ethnies de l'ancien Congo belge (et sur les Sérères, *op. cit.*).

MANETHO DE SEBENNYTOS : prêtre égyptien (300 av. J.-C.), il écrivit une chronoque en grec sur l'Egypte.

MASPERO : *sir* Gaston-Camille Charles (1846-1916). Egyptologue français. Directeur des Services d'antiquités en Egypte (1881-1886, 1899-1914). Professeur d'égyptologie à Paris à partir de 1869 ; auteur prolifique ; créé chevalier par Edouard VII. Membre de l'Académie française (1883).

MONOD : Théodore (1902- ). Géologue français. Ancien directeur de l'I.F.A.N., il fut un des premiers explorateurs du Sahara. Membre du Comité de Patronage de *Présence Africaine* à sa création, il dirigea le numéro spécial de la revue sur *Le monde noir*.

MORET : Alexandre (1868-1938). Egyptologue français, élève de Maspero. Directeur de l'Ecole pratique des hautes études (1899-1938) ; professeur au Collège de France (1923) ; membre de l'Académie française (1927).

NAVILLE : Henri-Edouard (1844-1926). Archéologie suisse ; élève de Lepsius. Il entreprit des fouilles en Egypte (1883-1913).

PEDRALS : Denis-Pierre de (1911- ). Archéologue français.

PETRIE : *sir* William Matthew Flinders (1853-1942). Egyptologue anglais. Auteur prolifique, il commença ses travaux en Egypte en 1880. Directeur de la *British School of Archeology* dans ce pays et après en Palestine. Professeur d'égyptologie à l'Université de Londres.

QUATREFAGES DE BRÉAU : Jean-Louis Armand de (1810-1892). Naturaliste français. Professeur au Muséum national d'histoire naturelle (Paris) ; membre de l'Institut.

QUIBBELL : James Edward (1867-1935). Archéologie britannique. Célèbre pour ses fouilles à Sakkara. Il travailla au Département d'antiquités et au Musée du Caire. Adjoint de Petrie (1894) ; il découvrit la Palette de Narmer.

REISNER : George Andrew (1867-1942). Egyptologue américain, surnommé « le meilleur des fouilleurs ». A partir de 1910 il fut Conservateur des antiquités égyptiennes au *Boston Museum of Fine Arts*. Professeur d'égyptologie à Havard (1914) ; directeur du « Havard Camp » aux Pyramides.

SCHURÉ : Edouard (1841-1940). Etudiant en droit, il quitta ses études et devint historien et critique de musique. Son ouvrage *Les grands initiés (op. cit.)* traite des théories occultes des fondateurs de religions diverses.

SELIGMAN : Charles Gabriel (1873-1940). Anthropologue britannique. Il participa à l'expédition de Haddon au détroit de Torrès et en Nouvelle-Guinée (1898). Il fut nommé par le Gouvernement soudanais pour faire un levé ethnologique (1909).

SERGI : Guisepppe (1841-1936). Anthropologue italien.

SIEGFRIED : André (1875-1959). Economiste et professeur français. Auteur d'ouvrages sur les pays étrangers, y compris les Etats-Unis. Lors d'une conférence qu'il donna en 1952 sur l'Africain, il prétendit que « le Noir pourrait être un bon subalterne mais (serait) un mauvais directeur ».

SMITH : *sir* Grafton Elliot (1871-1937). Anatomiste britannique. Professeur d'anatomie à l'Ecole de Médecine du Caire (1900-1909) ; spécialiste de la momification.

TEMPELS : *Père* Placide (1906- ). Missionnaire belge au Congo (ex-belge). Son célèbre ouvrage *La philosophie bantoue* a été publié à Anvers en 1946.

VALLOIS : Henri-Victor (1889- ). Anthropologue français. Directeur de l'Institut de paléontologie humaine (Musée de l'Homme) à Paris.

VENDRYES : Joseph (1875- ). Professeur français de linguistique qui souligna l'importance de cette discipline comme une « introduction à l'histoire ». Il rédigea les *Etudes celtiques*.

VOLNEY : Constatin-François de CHASSEBOEUF, *comte de* (1757-1820). Intellectuel français. Représentant du Tiers Etat, membre de l'Assemblée (1790), de l'Académie française et de la Société des Amis des Noirs. Son *Voyage en Egypte et en Syrie* fut considéré comme « un chef-d'œuvre du genre ». Il rédigea son œuvre la plus célèbre *Les Ruines ou Méditations sur les révolutions des empires* en 1791. Emprisonné lors de la Terreur, il fut nommé professeur d'histoire à l'Ecole normale (Paris) en 1792. Il visita les Etats-Unis en 1795 et fut chaleureusement reçu par Washington. Il regagna la France en 1798 et fut dénoncé par John Adams comme agent secret dans le but de récupérer la Louisiane. Il publia son *Tableau du climat et du sol des Etats-Unis* (1803) et fut créé comte par Napoléon cinq ans plus tard. En 1814 Louis XVIII le créa pair de France.

WOOLLEY : *sir* Leonard (1880-1960). Archéologue britannique qui entreprit des fouilles en Egypte, en Irak et en Syrie. Pendant la Première Guerre mondiale il fut emprisonné par les Turcs. Il rédigea un volume sur l'Orient antique pour l'*Histoire du Monde* (UNESCO).

CREDIT : Les clichés des figures suivantes sont dus à l'amabilité de l'éditeur Lawrence Hill & Company, New York – Westport : Fig. 2, 3, 4, 5, 6, 8, 11, 12, 13, 14,15, 27, 34, 35, 38 a, 38 b, 39.

## ANEXOS TRADUÇÃO EM PORTUGUÊS PARA FINS DE PESQUISA

### ANEXO 10 - CAPA

[Capa]

Cheikh Anta Diop

Nações Pretas e Cultura

[Contra-capa]

Nações Pretas e Cultura

[Nota abaixo da página]

*Na capa:*

AS RAÇAS HUMANAS VISTAS PELOS EGÍPCIOS.

Sobre esses afrescos reproduzidos no túmulo de Ramsés III (por volta de 1200 a.C.), se afirmam sem equívoco:

- o parentesco do EGÍPCIO (personagem A) ou *Remetou*: " os homens por excelência ", com o NÚBIO (C) ou Nehésis;
- a evidente diferença racial com o INDO-EUROPEU (B), Líbio ou *Temehou*, e com o SEMITA (D) ou *Amou*.

Esta imagem foi tirada de *Denkmäler* de Lepsius (*Ergänzungsband*, placa 48).

[Próxima Página]

Cheikh Anta Diop

NAÇÕES PRETAS E CULTURA

*Da antiguidade preta egípcia aos problemas culturais da África Negra de hoje*

Quarta edição

PRESENCE AFRICAINE

25<sup>bis</sup>, rue des Ecoles, 75005 PARIS

[Próxima Página]

A BIBLIOGRAFIA DE CHEIKH ANTA DIOP ENCONTRA-SE NO FIM DA OBRA

ISBN 2-7087-0688-8

© Editions Présence Africaine, 1954, 1979.

Direitos de reprodução, de tradução e adaptação são reservados em todos os países. A lei de 11 de março de 1957 que autoriza, nos termos dos parágrafos 2 e 3 do artigo 41, por um lado, apenas "cópias ou reproduções estritamente reservadas para o uso da copiadora e não destinadas ao uso coletivo" e segundo, que "análises e citações curtas para fins de ilustração e ilustração", qualquer representação ou reprodução total ou parcial, feita sem o consentimento do autor ou de seus cessionários ou beneficiários é ilegal (alínea 1ª do artigo 40). Essa representação ou reprodução, por qualquer meio que seja, constituiria, portanto, uma infração aprovada pelos artigos 425 e seguintes, do código penal francês.

[Próxima Página]

## ANEXO 11 – SUMÁRIO

### SUMÁRIO

---

9	<i>Quadro de ilustrações.</i>
11	<i>Apresentação da nova edição em formato de livro de bolso.</i>
13	<i>Prefácio da edição de 1954.</i>
24	<i>Prefácio da edição de 1964.</i>
27	<i>Preâmbulo.</i>
31	<i>Introdução.</i>

### PRIMEIRA PARTE

---

#### *Primeiro Capítulo*

### **O QUE ERAM OS EGÍPCIOS?**

35	Testemunhos de escritores, antigos filósofos e da Bíblia; o valor deles.
----	--

#### *Capítulo II*

49	<b>NASCIMENTO DO MITO DO NEGRO</b>
----	------------------------------------

#### *Capítulo III*

59	<b>FALSIFICAÇÃO MODERNA DA HISTÓRIA</b>
----	---

141	A civilização egípcia pode ser originária do Delta?
156	A civilização egípcia pode ser de origem asiática?

- 167 A Fenícia.  
190 A Arábia.  
193 Instituições e costumes do reino de Sabá.  
198 Problema da raça egípcia visto e tratado pelos antropólogos.

#### *Capítulo IV*

### **ARGUMENTOS PARA UMA ORIGEM NEGRA DA RAÇA E DA CIVILIZAÇÃO EGÍPCIA**

#### *Argumentos etnológicos:*

- 204 Totemismo - Circuncisão - Realeza - Cosmogonia - Organização social - Matriarcado.  
220 Parentesco do Sudão Meroítico (atual Núbia) e do Egito.  
Anterioridade do Sudão Meroítico.  
Advento da dinastia sudanesa meroítica Piankhi, Shabaka, Sabataka.  
230 Berços da civilização localizados no coração dos países negros.  
*Argumentos linguísticos:*  
231 Línguas.  
235 Transcrição alfabética do wolof.  
236 Estudo comparativo das gramáticas egípcia e wolof.  
258 É possível, restituir o tipo de gramática egípcia a partir do wolof?  
267 Observações sobre algumas palavras típicas do Egito.  
287 Introdução ao vocabulário (vocabulário comparado egípcio-wolof).

#### *Capítulo V*

### **ARGUMENTOS CONTRA A IDEIA DE UM EGITO NEGRO**

- 337 Regressão cultural?  
354 Problemas causados pelos cabelos lisos e os traços ditos regulares.  
355 Raça negra de escravos?  
356 Tez marrom-avermelhado dos egípcios!  
357 Inscrição da Estela de Philae.

#### *Capítulo VI*

### **POVOAMENTO DA ÁFRICA**

- 361 **A PARTIR DO VALE DO NILO**  
367 Kara-Karé - Karékaré.  
360 Origem egípcia dos Iurobás.  
374 Origem dos Laobês.  
378 Origem dos Peúles.  
381 Origem dos Tucolors.  
382 Origem dos Seereers.  
391 Origem dos Añi.  
392 Origem dos Fangues e dos Bamuns.  
393 Origem dos Mouros.

#### *Capítulo VII*

## CONTRIBUIÇÃO DA ETIÓPIA-NÚBIA

### 395 E DO EGITO À CIVILIZAÇÃO

---

#### SEGUNDA PARTE

---

##### *Primeiro Capítulo*

#### DESENVOLVIMENTO DAS LINGUAS

- 405 Necessidade de desenvolver as línguas nacionais.  
408 Meios para desenvolver as línguas nacionais.

##### *Capítulo II*

#### TRADUÇÕES

- 415 Tradução de conceitos matemáticos.  
422 Tradução de conceitos científicos: física e química.  
437 Resumo do princípio da relatividade de Einstein.  
443 Tampuk a duadu (Tradução do princípio da relatividade de Einstein).  
447 Tradução literária e integração de ritmos (Trechos de Horácio; de La Marseillaise).  
449 Poesia wolof moderna.

##### *Capítulo III*

#### DESOBSTRUÇÃO

- 451 Estudo comparativo do wolof e do seereer.  
474 Comparação de algumas palavras do wolof e do sarakolés.  
474 Relação do wolof e do baguirmiano.  
483 Origem do povo wolof.  
495 Complemento de gramática da língua estudada. Problema colocado pelas línguas ditas "de classe".

##### *Capítulo IV*

- 513 **AS PROBLEMAS DA ARTE AFRICANA**  
519 Descrição dos estilos de escultura negra.

##### *Capítulo V*

#### ESTRUTURA SOCIAL E POLÍTICA

- 533 Estrutura social e política decorrente das condições econômicas e materiais.  
544 Moral gerada por essas condições econômicas.

##### *Apêndice*



- 546 Vocabulário comparado do wolof e do seereer (abreviado).  
553 Notas sobre os termos arqueológicos utilizados no texto.  
557 Notas biográficas.

## QUADRO DAS ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 Antigos sítios egípcios e núbios. Páginas 36-37  
2 Homem bonito de Kamite oriental Página 48.  
3 Estátua de cor " vermelho escuro " ou " escuro ". Página 61.  
4 O soberano Tera Neter. Página 73.  
5 Narmer (ou Menés). Página 74  
6 Estátua do deus Osíris. Página 75.  
7 Quéfren. Página 76.  
8 Faraó Mentuhotep Io . Página 77.  
9 Faraó Tutancâmon. Página 78.  
10 Faraó Tutancâmon (cabeça). Página 79.  
11 Faraó Tutmosis III. Página 80.  
12 Cabeça do Faraó Ramsés II. Página 81.  
13 O faraó sudanês Taharqa. Página 82.  
14 Cabeça de jovem princesa. Página 83.  
15 Mulher egípcia. Página 84.  
16 Estátua de açougueiro. Página 85.  
17 Estátua de um cozinheiro. Página 86.  
18 Funcionário egípcio. Página 87.  
19 Egípcio. Página 88.  
20 Menina jovem egípcia em madeira. Página 89.  
21 Estátua de um homem egípcio. Página 90.  
22 Sacerdotisa egípcia. Página 90.  
23 Cabeças egípcias do Império Médio (?). Página 92.  
24 Desenho de Ginnaeghel. Página 93.  
25 Busto de Trajano, imperador romano. Página 94.  
26 Estátua de Serapis (Zeus). Página 95  
27 Cabeça de bronze do Benim. Página 95.  
28 Máscara Pongwe. Página 97.  
29 Máscara Pongwe. Página 98.  
30 Estatueta Angola. Página 99.  
31 Arte de Ifé. Página 100.  
32 Arte de Ifé. Página 101.  
33 Prisioneiros egípcios (baixo relevo de Ibsamboul). Página 109.  
34 Terracota Nok. Página 110.  
35 Camponeses negros prisioneiros (tumba do faraó Horemheb). Página 111.  
36 Prisioneiros de raça branca (ariano, líbio e semitas). Página 115.  
37 Desenho da paleta de Narmer. Página 135.  
38a Paleta de Narmer. (Fotografia de frente. Página 138.  
38b Paleta de Narmer. (Fotografia do verso. Página 139.  
39 A Torre de Babel, exemplo de reconstituição de monumentos. Página 161.  
40 Instrumentos de cordas. Página 205.  
41 Uma rainha negra do antigo Sudão. Página 217.  
42 Antiguidade africana: templo sudanês. Página 228.  
43-48 Escritas negro-africanas. Páginas 344-345.  
49 Máscara suíça fazendo careta. Página 352.  
50 Máscara cubista congoleza. Página 353.

- 51 Mapa das migrações das populações negro-africanas. Página 363.  
52 Julgamento do morto por Osíris. Página 373.  
53 Formação do povo wolof de acordo com os nomes étnicos. Páginas 486-487.  
54 Máscara Gouro. Páginas 523.

## ANEXO 12 – APRESENTAÇÃO (1979)

Edição de bolso, 1979

Após vinte e cinco anos de retrocesso percebe-se que os grandes temas desenvolvidos em Nações Pretas e Cultura não somente não envelheceram, mas agora caíram no domínio dos lugares comuns, embora naquela época essas ideias pareciam tão revolucionárias que pouquíssimos intelectuais africanos se atreviam a aderi-las. Devemos prestar homenagem aqui à coragem, lucidez e honestidade do poeta brilhante Aimé Césaire: após ter lido, em uma noite, toda a primeira parte da obra, ele percorreu a Paris progressista da época, em busca de especialistas dispostos a defender, junto com ele, o novo livro, mas em vão! Era o vazio ao seu redor.

- A independência da África,
- a criação de um Estado Federal Continental Africano,
- a origem africana e negroide da humanidade e da civilização,
- a origem preta da civilização núbio-egípcia,
- a contribuição desta civilização e, portanto, do pensamento negro, para a civilização ocidental nas ciências, nas letras e nas artes,
- a identificação dos grandes fluxos migratórios e a formação das etnias africanas,
- o parentesco linguístico entre o Egito e a África negra,
- a verdadeira origem do mundo semita,
- a delimitação da área cultural do mundo negro que se estende até a Ásia ocidental no vale dos Indus,
- a caracterização das estruturas políticas e sociais africanas,
- a formação dos Estados africanos sobre todo o continente, após o declínio do Egito e a continuidade do elo histórico-cultural, até os primórdios dos tempos modernos,
- a descrição do universo artístico africano e de seus problemas (escultura, pintura, música, arquitetura, literatura, etc.).

– a demonstração da aptidão de nossas línguas para suportar o pensamento científico e filosófico e, por conseguinte, a primeira transcrição africana não etnográfica dessas línguas, etc.

estes são os grandes capítulos desta obra que não emocionam mais os intelectuais africanos. Melhor, sabe-se que há mais de dez anos, a UNESCO tornou suas uma boa parte dessas ideias sobre a história africana e o desenvolvimento de línguas nacionais.

Não nos pareceu útil aperfeiçoar este livro de início, durante suas sucessivas reedições. Ele deve permanecer tal como está, como o testemunho permanente dos nossos primeiros esforços para delimitar os problemas africanos. O desenvolvimento das teses e as diversas melhorias se encontram nas obras posteriores, como *Anterioridade das civilizações Pretas: mito ou verdade histórica? (Antériorité des civilisations Nègres: mythe ou vérité historique?)*<sup>3</sup>) Parentesco genético do egípcio faraônico e línguas negro-africanas (*Parenté génétique de l'égyptien pharaonique et des langues négro-africaines*), etc.

Que os jovens que lerão este livro possam encontrar razões para manter a esperança, levando em conta o caminho percorrido desde sua escrita.

Cheikh Anta DIOP

## ANEXO 13 – PREFÁCIO (1954)

### PREFÁCIO

Edição 1954

Hoje em dia tem-se o costume de fazer todo tipo de pergunta; é preciso também questionar a necessidade de estudar os problemas aqui tratados. Uma análise, mesmo que superficial, da situação cultural na África Negra justifica tal empreendimento. Na verdade, se fossemos acreditar nas obras ocidentais, seria em vão pesquisar até o coração da floresta tropical uma única civilização que, em última análise, seria obra de pretos. De acordo com o cenáculo dos estudiosos ocidentais, apesar do testemunho formal dos Anciões, as civilizações etíope e egípcia, assim como aquelas do Ifé e Benim, da Bacia do Chade, do Gana, de todas as civilizações ditas novas civilizações sudanesas (Mali,

---

<sup>3</sup> Edições Présence Africaine, Paris, 1967.

Gao, etc.), do Zambeze (Reino do Monomotapa), do Congo em pleno Equador, etc., foram criadas por brancos, que então desapareceram como em um sonho para deixar o povo preto perpetuar as formas, organizações, técnicas, etc. que eles tinham inventado.

A explicação da origem de uma civilização africana somente é lógica e aceitável, séria, objetiva e científica se ela conduzir, de alguma forma, para este branco mítico que não está preocupado em justificar sua chegada e instalação nessas regiões. Compreende-se facilmente como os estudiosos deveriam conduzir ao fim de seu raciocínio, de suas deduções lógicas e dialéticas à noção de "brancos de pele negra" (Cf. páginas 202-203), muito divulgada nos meios dos especialistas da Europa. Esses sistemas são evidentemente sem continuidade nesse sentido, falta-lhes totalmente uma base real. São explicados apenas pela paixão que corrói seus autores, que transparece sob suas aparências de objetividade e serenidade.

No entanto, todas essas teorias "científicas" sobre o passado africano são eminentemente consequências; elas são utilitárias, pragmáticas. A verdade é o que serve, e aqui o que serve ao colonialismo: o objetivo é conseguir, cobrindo-se com o manto da ciência, fazer o povo preto acreditar que ele nunca foi responsável por qualquer coisa que seja válida, até mesmo o que existe em seu território. Facilita-se assim o abandono, a renúncia a qualquer aspiração nacional pelos hesitantes e reforça os reflexos de subordinação naqueles que já estavam alienados. É por essa razão que há muitos teóricos a serviço do colonialismo, cada um mais hábil que o outro, cujas ideias são difundidas, ensinadas a nível popular, à medida que são elaboradas.

O uso da alienação cultural como arma de dominação é tão velho quanto o mundo; cada vez que um povo conquista outro, ele fez uso dela. É edificante salientar que foram os descendentes dos gauleses contra quem César usou essa arma que hoje é usada contra nós.

"Ao valor singular das nossas tropas, os gauleses opuseram as invenções de todo tipo; pois eles são muito diligentes e hábeis em imitar e reproduzir tudo o que lhes é mostrado". (César. Comentários sobre a guerra gálica, Livro III, parágrafo 22.)

Percebemos bem que o conquistador romano negava aos gauleses rebeldes qualquer capacidade de criação, ou seja, o que faz o valor supremo do homem, e reconhecia somente as qualidades, ditas inferiores, de imitação.

Atualmente, é uma situação idêntica à que encontramos na África e em todos os países colonizados. Entendemos o perigo de aprender nosso passado, nossa sociedade, nosso pensamento, sem espírito crítico, por meio de obras ocidentais.

Diante dessa atitude generalizada dos conquistadores, uma reação natural de autodefesa era previsível no seio do povo africano, reação propensa, evidentemente, a impedir o mal cotidiano que nos fazem essas temíveis armas culturais duvidosas, a serviço do ocupante. Não havia outra maneira de se portar: levando em conta o que precede, essas teorias são, a priori, falsas, porque elas não procuram atingir a verdade. Se alguma delas se preocupasse em fazê-lo, uma educação ocidental falsificada por várias gerações, a privaria da força necessária para atingir a verdade.

É, portanto, indispensável que os africanos se debrucem sobre sua própria história e civilização, e as estudem para se conhecer melhor: para assim conseguir, pelo verdadeiro conhecimento de seu passado, tornar ultrapassadas, grotescas e a partir de então inofensivas essas armas culturais. No entanto, essa ideia que deveria ser somente um lugar comum está longe de ser óbvia para todos os africanos e é possível distinguir várias tendências a esse respeito.

**1º OS COSMOPOLITAS-CIENTÍSTAS-MODERNIZANTES.** – Esta categoria agrupa todos os africanos que raciocinam da seguinte maneira: escavar nos escombros do passado para encontrar uma civilização africana é uma perda de tempo, diante da urgência dos problemas de agora, uma atitude, no mínimo, ultrapassada. Devemos nos isolar de todo esse passado caótico e bárbaro e nos unir ao mundo técnico moderno na velocidade do elétron. O planeta vai se unificar: é preciso pôr-se à vanguarda do progresso. A ciência resolverá em breve todos esses grandes problemas e tornará caducas essas preocupações locais e acessórias. Não saberíamos ter outras línguas de cultura do que as da Europa, que já se provaram. Deste modo, queremos dizer que elas apoiam o pensamento científico moderno e que elas já são universais.

Este grupo que inclui variantes é o mais interessante a analisar pois ele contém os indivíduos mais atingidos pela alienação cultural. Como podemos ver, não há outra saída além da assimilação. Sua atitude - quando são sinceros - provém de uma cegueira cultural ou da incapacidade de propor soluções concretas, válidas, para os problemas necessários de resolver para que a assimilação deixe de ser uma necessidade aparente; nega-se então a existência, a objetividade desses problemas, como um avestruz. Essa atitude, no fundo, é apenas um pisotear perigoso pois ela dá a ilusão de caminhar para frente a passos de largos; ela esconde a tendência a depreciar tudo que emana de nós. O veneno cultural sabiamente inoculado desde a mais tenra infância se tornou parte integrante da nossa substância e se manifesta em todos os nossos julgamentos.

Tais indivíduos seriam lógicos com eles mesmos e teriam um belo argumento a favor de suas posições se pudessem identificar uma atitude análoga a deles nos hiper-civilizados que servem como foco: os europeus ocidentais; se tivessem constatado nesses últimos um desprezo e negação de todos seus valores passados para melhor se tornarem Modernos. Mas é precisamente o contrário; e são esses hiper-civilizados, quaisquer que sejam suas tendências políticas ou filosóficas que são os mais preocupados em manter suas respectivas culturas nacionais. Vê-se assim que "Modernismo" não é sinônimo de ruptura com as fontes vivas do passado. Ao contrário, quem diz "Modernismo" diz "Integração de novos elementos " para se colocar no nível de outros povos, mas quem diz " Integração de novos elementos " supõe um meio integrador, o qual a sociedade repousa sobre um passado, não sobre sua parte morta, mas sobre a parte viva e forte de um passado suficientemente estudado para que todo um povo possa se reconhecer. Incrustar a alma nacional de um povo em um passado pitoresco e inofensivo porque suficientemente falsificado é um processo clássico de dominação. Mas se quisermos ir mais longe, se quisermos apagar um povo para tomar seu lugar em algumas décadas, é preciso conseguir desintegrar sua sociedade, quer dizer, conduzir a elite - ou aqueles em que a massa se considera pertencente - a participar de uma forma criminal ou inocente à desintegração da sociedade, à pulverização da parte viva do passado, a deixar perecer os valores fundamentais (história, língua, etc.) que constituíam o cimento da sociedade. É por essa razão que os marxistas mais avisados, mesmo no coração do combate mais duro pelo pão cotidiano e o acesso ao poder político, garantem a manutenção integral e a fortificação constante desses fatores, pois eles sabem que se eles não protegessem assim a cultura nacional que garante a sobrevivência da sociedade pela qual eles combatem, sua luta seria ineficaz.

Um retirante desse grupo poderia fazer o seguinte raciocínio, sem ser brilhante, para chegar a uma convicção que apresenta a vantagem de conduzir a uma certa verdade: " Como eu dou crédito ilimitado aos hiper-civilizados, cuja esfera de ideias constitui meu sistema de referência, qualquer ideia válida contida nessa esfera também é para mim. Ora, são eles que embora escrupulosamente cuidando da história deles, glorificando-a todos os dias, persistem em falsificar sistematicamente a minha. Portanto, posso deduzir pela atitude deles que sempre é consequente, para um povo, que é de interesse inestimável conhecer sua verdadeira história. " A humanidade não deve se fazer pelo apagamento de uns em proveito de outros; renunciar prematuramente e de uma maneira unilateral, à sua cultura nacional para tentar adotar a do outro e chamar isso de uma simplificação das relações internacionais e um sentido do progresso, é condenar-se ao suicídio. Qual é o

simples espírito que, hoje, não seria capaz de fazer o papel de "Jules Verne" e de profetizar assim, à maneira de Renan, sobre o ano 2000 e o progresso que a ciência e a sociedade realizarão daqui até lá, e partindo, sobre o caráter transitório de todas nossas preocupações (nota 1: Longe de nós a ideia de assimilar Renan e Jules Verne com simples espíritos.)? Apenas se esquece que o povo não é plenamente consciente do único caminho histórico que conduz a esses cumes de perfeição, nessa era da humanidade sem cor, etc. perigo de se perder no caminho e de estar ausente no concerto das "nações" nessa época...

Assim, percebe-se que não é possível compartilhar a atitude desse primeiro grupo que consiste em negar a eficácia e a utilidade da luta contra a alienação cultural, quer dizer, negar a existência dessa última enquanto justifica os três quartos da nossa conduta.

Não é surpreendente que a maioria desse grupo não seja composta por cientistas. Certamente, será necessário que a África assimile o pensamento científico moderno o mais rapidamente possível; deve-se mesmo esperar ainda mais dela: para preencher o atraso acumulado há vários séculos, é preciso entrar em cena de emulação internacional e contribuir para avançar as ciências exatas em todos os ramos com a contribuição de seus próprios filhos. Mas não façamos ilusões em demasia, tal empreendimento só será plenamente realizado no dia em que a África for totalmente independente. Seria um suicídio para o regime colonialista permitir uma formação de quadros técnicos a um ritmo eficaz nos países dominados. Os programas sobre esse assunto estão espalhados por uma duração suficiente para que, paralelamente, tenha-se transformado suficientemente o meio e a relação numérica entre colonos e indígenas, para que a África não seja mais para os africanos. Cada vez que os colonialistas nos convidam para colaborar para um progresso comum dos nossos dois povos, eles têm esse pensamento retrógrado para conseguir, com o tempo, para nos suplantar. É por isso que tudo que eles nos oferecem é apenas uma miragem vasta que pode enganar todo um povo, graças à cumplicidade de alguns. No máximo, estamos testemunhando a emergência de alguns indivíduos, quase esquecendo as bases teóricas do individualismo burguês ocidental que atribui o progresso da humanidade a alguns gênios.

Portanto, torna-se evidente que somente a existência de Federação de Estados Africanos Independentes no seio de um Governo Democrático Central, da costa líbia do mediterrâneo à Cidade do Cabo, do Oceano Atlântico ao Índico permitirá aos Africanos desabrochar plenamente e dar total medida nas diferentes áreas de criação, para serem respeitados - até mesmo amados - matar todas as formas de paternalismo, virar uma página da filosofia, progredir a humanidade possibilitando uma fraternização entre os

povos que tornará tão mais fácil que ela se estabeleça entre os Estados independentes no mesmo grau e não mais entre dominantes e dominados.

Também partidários do progresso e do modernismo abstrato evitam colocar o problema dessa maneira, mencionar que o progresso ao qual eles parecem aspirar não é possível no regime colonial onde eles se encontram – na medida em que eles não são simplesmente irresponsáveis – não podem deixar de medir o alcance de sua atitude.

Para concluir, pode-se citar a resposta que Lenin deu em circunstâncias semelhantes; durante sua luta pela ascensão ao poder, o Partido Comunista Bolchevique conheceu as mesmas dificuldades, e oportunistas foram vistos ao desenvolverem a ideia do progresso técnico e a formação de quadros como primeiro objetivo a atingir. Lenin replicou: por que não conquistar primeiro o poder político, e depois calçar as botas dos sete lugares e andar a passos largos?

2º O INTELLECTUAL QUE ESQUECEU DE TRATAR SUA FORMAÇÃO MARXISTA ou aquele que estudou rapidamente o marxismo no absoluto sem nunca ter visualizado a aplicação em caso particular que é a realidade social de seu país.

Os elementos dessa tendência qualificam, propositalmente, nossa atitude de: reacionário, burguês, racista, nazista (nota pag. 1: Pode-se temer também que façamos geopolítica ou social-darwinismo.) ....

No fundo, eles acham que os resultados atingidos são muito bonitos para serem exatos e eles tem dificuldade em admitir.

É preciso aqui lembrar o que acaba de ser escrito sobre a necessidade de um povo conhecer sua história e de manter sua cultura nacional. Se estas ainda não foram estudadas, é um dever fazê-lo. Não se trata de criar, a partir do zero, uma história mais bonita que a dos outros, de modo a impulsionar moralmente o povo durante o período de luta pela independência nacional, mas sim de partir desta ideia óbvia que cada povo tem uma história. O que é indispensável para um povo guiar melhor sua evolução é conhecer suas origens sejam elas quais forem. Se por acaso nossa história for mais bonita do que esperávamos, esse é apenas um feliz detalhe que não deve mais ser prejudicado quando tivermos fornecido evidências objetivas suficientes para apoiá-la, o que não deixará de ser feito aqui.

Embora os montes de teóricos do nazismo não resistiam a menor análise objetiva dos fatos, aqui mais um especialista combaterá os fatos que são trazidos pelos argumentos evasivos que não satisfazem nem mesmo as exigências intelectuais de um profano.

Pode-se também citar Lenin para fazer pensar os que temem uma atitude burguesa:



Mas você comete um erro se você conclui que pode tornar-se um comunista sem ter assimilado os conhecimentos humanos acumulados. Seria errôneo pensar que é suficiente assimilar as palavras de ordem comunistas e as conclusões da ciência comunista sem assimilar a soma dos conhecimentos cujo comunismo é ele próprio consequência...

A cultura proletária não surge pronta de onde não se sabe, ela não é uma invenção dos homens que se qualificam como especialistas do assunto. Puro absurdo. A cultura proletária deve aparecer como o desenvolvimento natural da soma dos conhecimentos elaborados pela humanidade. (2 de outubro de 1920)

Essas reflexões gerais sobre a cultura proletária são aplicáveis ao caso particular de cada povo.

Pode-se questionar o que nossos intelectuais pensam diante da atitude da China comunista, que, para salvaguardar sua cultura nacional, rejeita a ideia de substituir sua escrita hieroglífica pelos caracteres fenícios universais.

Na medida em que se tratava de refutar as ideias tais como: a civilização egípcia é de origem branca, asiática ou europeia, tornava-se necessário – para evitar qualquer equívoco sobre o conteúdo dos termos – recorrer a frases tais como: não, ela é de origem preta africana. Porque se a expressão "povo africano" satisfizesse, ficaria incerto: o leitor não deve, portanto, ver no uso do termo "Preto" uma intenção racista; que ele veja a única preocupação de transparência do autor. Os racistas, conscientes ou inconscientes, são aqueles que nos obrigam a refutar seus escritos pelo uso de tais termos.

3° OS ANTI-NACIONALISTAS FORMALISTAS – São esses que poderiam ser ofuscados pelo título "Nações Pretas e Cultura". O primeiro título desejado – tornou-se subtítulo, pois muito longo – era: "Da antiguidade preta-egípcia aos problemas culturais da África Negra de hoje"; sem dúvida não é o mais satisfatório. Pode-se fazer observar que não é porque Stalin escreveu "O Marxismo e a questão nacional e colonial", um livro cujo título contém o termo "nacional", que seja nacionalista. Deve-se reter do "nacionalismo" apenas os dois temas retidos pelos marxistas:

- a) a cultura nacional,
- b) a independência nacional.

Alguns se voltam imediatamente para uma sofística economista para provar – seria melhor dizer: constatar – que nessa era de interdependência econômica é inútil falar de independência nacional. Esses, se são sinceros, mostram bem que eles não vêm claramente a natureza dessa interdependência. Certamente, a época das pequenas economias nacionais fechadas acabou e constata-se a existência de um mercado internacional alimentado com produtos de todos os continentes graças à aquisição da velocidade que reduz as distâncias: estão aí as ideias correntes em que se ouve falar todos os dias.

Qual seria o problema econômico a ser resolvido por um poderoso Estado Africano que se estenderia por quase todo o continente, cujas fronteiras passariam do Mediterrâneo líbio para a Cidade do Cabo e do Oceano Atlântico para o Oceano Índico? Ele teria que vender seus produtos excedentes no mercado internacional e comprar o que mais lhe falta, para evitar pressão de um monstro econômico qualquer. Considerando o grau de potência que atingiria tal Estado, ele dependeria economicamente dos outros apenas tanto quanto estes dependeriam dele. Tal deve ser nossa concepção de interdependência econômica: evitar a qualquer custo depender mais dos outros do que eles dependem de nós, pois isso resultaria, automaticamente, em relações unilaterais de colonização e de exploração. É o que torna imperiosa a ideia de Federação de Todos os Estados Negros do Continente.

É fácil epilogar a fim de provar que a independência da pequena colônia do Senegal, da Costa do Marfim, do Togo, do Benim (antigo Daomé), etc., seria apenas ilusória pois elas teriam que sofrer imediatamente todas as formas de pressões externas e cairiam automaticamente, pelo o jogo de forças econômicas, na órbita de uma grande potência. A solução federal destrói a objeção.

Às vezes se pergunta o que poderia ser assimilado às Nações da África. Seria fácil aplicar a definição de Stalin aos povos etíopes, bambaras, wolofs, zulus, iorubás etc. No Sudão, Costa do Marfim, Togo, Senegal, Guiné, Níger, Quênia, África do Sul, Sudão conhecido como "Anglo-egípcio", existem núcleos de nações que se consolidarão na luta pela independência. Embora já possamos prever, para cada uma dessas regiões, com pouca de chance de erro, quais são as línguas que prevalecerão; embora a comunidade de cultura, história e psiquismo seja incontestável, embora o ambiente geográfico apresente uma certa unidade, seria vão procurar determinar hoje quais serão as fronteiras exatas dessas nações. O problema será resolvido como está sendo feito com a Índia: quer dizer que as atuais fronteiras traçadas para a comodidade da exploração colonialista – se não

aleatória – não são necessariamente invioláveis e nós devemos educar nossa consciência a fim de torná-la apta para aceitar uma modificação futura.

Na realidade, os Formalistas estão simplesmente com medo de não estarem atualizados. A atitude deles mascara um certo esnobismo intelectual; se ela fosse consequente – no sentido do interesse do povo – ela os conduziria ao progresso, o que está distante de ser o caso.

Os meios colonialistas conduzem uma campanha orquestrada contra o nacionalismo nos países dominados, tentam tomar iniciativa de abortá-los em toda parte; porque nosso nacionalismo, mesmo o mais chauvinista, tem consequências terríveis para eles: ele pulveriza os privilégios e varre a dominação deles com uma violência torrencial.

Assim podemos constatar que aqueles que nos ensinam que o nacionalismo é ultrapassado são:

- a) *nacionalistas burgueses metropolitanos* que depois de ter lutado em seus países e realizado suas próprias aspirações seriam incomodados por uma ação semelhante de nossa parte. Eles também poderiam nos dizer: "Mas o que será de nós se vocês fizerem o mesmo?"
- b) *nacionalistas burgueses metropolitanos* que se ignoram: eles não chegam a se desfazer da ideia que a pátria francesa deve, de uma forma ou de outra, conseguir manter suas colônias. Eles também se perguntam o que se tornaria a França sem suas posses: eles pensam que se pode encontrar uma forma viável de União Francesa e estão à procura de uma forma alternativa. Para melhor sobressair a anomalia dessa justaposição de uma Metrópole e suas colônias supondo esse fato generalizado na África, ela seria então condenada a ser eternamente fragmentada entre a França, Inglaterra, Portugal, Espanha, África do Sul do Dr. Malan, etc. Se conseguíssemos esconder essa fragmentação da África sob a bandeira de progresso e democracia, nosso país pagaria pela democracia mundial no sentido que permaneceria dividido e explorado de forma unilateral.

Temos, portanto, um dever em relação a Europa: nós temos que ajudá-la a curar-se dos velhos hábitos contraídos em consequência do exercício do colonialismo, conduzi-la a apreender o verdadeiro sentido de seus interesses que ela não consegue nem mesmo localizar. A Europa sozinha é muito fraca e precisa de um socorro para conseguir se fazer. Mas isso será feito sem demora e sobre bases realmente democráticas no dia em que ela for persuadida da perda definitiva da África; então uma Federação Europeia aparecerá

como a única solução a todos aqueles que, até então, se perguntavam o que tornar-se-ia seu país sem suas colônias.

4º Poderia existir um grupo composto de elementos pensando que somente a luta pelo pão cotidiano importa, todo o resto seria apenas uma preocupação intelectual: devemos evitar nos envergonhar de falsos problemas. Poderíamos então citá-los como exemplo no caso do Vietnã, que foi obrigado a resolver esses "falsos problemas" na selva onde foi necessário instituir um ensino em língua vernácula para a formação de gestores. Por outro lado, tudo o que precede mostra que a preocupação com esses problemas de cultura ocorre apenas para dar a essa luta toda eficácia para transformá-la numa luta de independência nacional.

\*

\*\*

Essa obra não é uma "invenção" sobre questões dadas: qualquer pessoa que queira usar o marxismo como guia de ação sobre o terreno africano chegará sensivelmente às mesmas conclusões.

Mas nós entendemos bem isso. Quero dizer que não faço referência à veracidade da religião muçulmana ou cristã. Penso que qualquer africano sério que queira ser eficaz em seu país no momento atual evitará se envolver em críticas religiosas. A religião é um assunto pessoal. A questão aqui é unicamente problemas concretos a serem resolvidos para que cada um possa praticar livremente sua religião em melhores condições materiais. Seria desonesto, portanto, ler esse livro com a intenção secreta de encontrar uma única palavra que permita rejeitá-lo gritando blasfêmia.

#### ANEXO 14 – PREFÁCIO (1964)

##### PREFÁCIO

Edição 1964

Este livro foi escrito durante os anos difíceis (1948-1953) de luta anticolonialista onde se dava, de bom grado, livre curso às paixões.

Alguns suspeitavam então, de uma atitude tendenciosa, mas que eles qualificavam de compreensível, visando impulsionar os povos culturalmente deserdados durante a fase de luta pela independência.

A formação intelectual dos africanos que estavam apenas no seu começo, era em geral, muito inconsistente para permitir-lhes formar uma opinião pessoal sobre a tese sustentada, sem apoiar-se previamente na opinião de uma autoridade sacrossanta. Hoje uns e outros podem melhor julgar a objetividade da nossa posição de então.

Pode-se constatar a ausência de traços de ódio ou de racismo reverso, relendo esse livro, com dez anos de retrospectiva. Certamente gostaria de retornar a tantas imperfeições, sobretudo os detalhes que estão contidos nelas se eu tivesse tempo. Mas não nego nenhum dos grandes temas desenvolvidos sobre a origem preta das civilizações etíope, egípcia, a extensão e a ancestralidade do substrato preto da humanidade, a anterioridade da cultura meridional em torno do mediterrâneo, o parentesco cultural dos povos africanos, a possibilidade para esses povos de construir uma cultura moderna que beneficia as conquistas da humanidade, etc.

Além disso, a egiptologia começa a flertar com a África Negra. Melhor para sua fertilidade; mas é a entrada em cena dos pesquisadores africanos que será o elemento decisivo. Essa categoria de homens que não existia há dez anos, podendo julgar por si, por suas próprias coisas sem o apoio intelectual de outros, começa a ver a luz do dia.

É preciso reconhecer que foram feitas tentativas em momento oportuno, e isso continua a condicionar esses futuros pesquisadores a canalizar em direção mediana, simpática e medíocre, culturalmente inofensiva, e em uma palavra, dotada de todas as virtudes. No entanto é na ordem das coisas que esse esforço colossal continua a ser em vão.

Há uma tendência a crer que qualquer pensamento, qualquer atividade intelectual que contribua para o despertar da consciência de um povo, deve necessariamente pecar no terreno científico. Havia uma maneira de evitar essa doença infantil da busca cultural no âmbito da nossa empreitada. Era suficiente assumir que cada povo tem um passado, por mais modesto que seja, relativamente possível de descobrir por uma investigação adequada. Mas então seria necessário concordar com a importância dos fatores. Se nossos historiadores, etnólogos, sociólogos tradicionais tivessem plena percepção, como se poderia esperar, que o essencial para um povo está menos relacionado a se glorificar de um passado relativamente grandioso ao invés de descobrir e tomar consciência da continuidade desse passado qualquer que ele fosse, não se entregariam a uma falsa interpretação. Este fator por si só é determinante para a revitalização da consciência nacional. No entanto, para alcançar tal objetivo não há necessidade de alterar conscientemente os fatos. No curso de nossa pesquisa quando chegamos a certeza de que o Egito é parte do mundo preto, nos deslumbrou e criou diversas dificuldades. Eu não

podia distorcer a verdade histórica, pela complacência, inventando outras origens para os povos africanos para dar a impressão de um trabalho mais "sério", mais "científico", principalmente mais aceitável aos olhos dos muitos especialistas que, quando traçam a origem da raça negra a alguns milênios, acreditam fazer uma grande concessão. Então foi um verdadeiro diálogo de surdos.

Falta-me tempo para tentar redesenhar *Nações Pretas*. A 2ª edição é, portanto, idêntica à primeira. No entanto, eu gostaria de modificar o sistema de transcrição usado na 2ª parte consagrada às línguas africanas para torná-lo mais acessível. Com relação a 1ª parte, encontraremos em *Anterioridade das Civilizações Pretas – Mito ou verdade?* a maioria das alterações que eu teria feito, de uma forma mais desenvolvida. O primeiro prefácio preservado parece hoje anacrônico, porque conquistamos a independência há tempos, e não precisamos mais discutir para saber se está à frente ou atrás de nós. Ele reflete, no entanto, as dificuldades que até mesmo as gerações que deviam lutar pela libertação da África tentaram colocar corretamente os problemas políticos e culturais do nosso continente.

## ANEXO 15 - PREÂMBULO

### PREÂMBULO

*A obra é dividida em duas partes: a primeira trata da história africana, a segunda dos outros aspectos da cultura nacional.*

### COMO O PROBLEMA DA HISTÓRIA AFRICANA SE COLOCA?

Enquanto o europeu pode traçar o curso de sua história até a antiguidade greco-latina e as estepes eurásianas, a África que tenta remontar ao seu passado histórico através das obras ocidentais, para na fundação do Gana (século III a.C. ou III d.C.). Além disso, essas obras ensinam-lhe que a noite é negra. O que faziam seus ancestrais no continente desde a pré-história? Como que eles esperaram tanto tempo para emergir das sombras com uma organização social sofisticada? Eles sempre moraram na África ou vieram de fora?

Enquanto o retirante da África Ocidental pode contemplar assim dois mil anos de história, os de outras regiões são "menos favorecidos": nas bacias do Congo, Zambeze, na região dos Grandes Lagos, os manuais ocidentais não permitem remontar – sem solução de continuidade – além de alguns séculos.

Essas brechas na história africana permanecem inexplicáveis há tanto tempo que se aborda mal o problema: procuramos arduamente no interior do continente, no local, a estratificação das sucessivas civilizações. Portanto, problema geral para a história africana é conseguir ligar através de pesquisas frutíferas, não de uma forma hipotética, mas efetiva, todas as partes do passado com uma antiguidade, uma origem comum que restaura a continuidade. Deve-se, portanto, mostrar que tomando a sério os depoimentos unânimes de toda a antiguidade cientista/acadêmica/sábia e filosófica que testemunham que os etíopes e os egípcios eram pretos, como todos os outros nativos da África, reconstituímos a clareza sobre um ponto da história que só se tornou realmente obscuro após um século com o apogeu do imperialismo. Se os antigos não foram vítimas de uma miragem, deve ser fácil de identificar uma outra série de argumentos e de provas de reaproximação da história e das sociedades etíopes, egípcias e as do restante da África. Tudo retoma à ordem, na história africana em conexão com a do Egito e da Etiópia, assim como no Ocidente os impérios nasceram com o declínio de Roma, vemos que Gana emergiu no interior do continente no momento do declínio do Egito (1: e de Cartago).

Toda essa primeira parte, intitulada "O que eram os egípcios?" trata unicamente da origem preta desse último e lembra que é o mesmo para os etíopes. Também se mostra igualmente como a África foi povoada a partir do Vale do Nilo. Por último, recorda-se da contribuição da Etiópia e do Egito para a civilização e o benefício moral que os africanos podem obter.

A segunda parte é consagrada à solução de problemas práticos, que será necessário resolver para que uma cultura nacional exista: multiplicidade das línguas, falta de um vocabulário técnico, científico e filosófico nestas. Ignorância de sua gramática, inexistência de obras escritas nessas línguas, barreiras étnicas, estratificação da sociedade de castas, estruturas econômicas que estão na origem dessas estratificações, o que é nossa arte e nossa literatura, o que nós podemos tirar a partir disso.

Este estudo só poderia ser alcançado localizando o problema em uma estrutura suficientemente conhecida. Foi necessário escolher entre algumas línguas africanas com chance de se tornarem nacionais, escolher uma como exemplo de estudo e abordar todos os problemas linguísticos que foram indicados para mostrar de forma concreta a solução

das questões que se colocam. O leitor não deve ver na escolha do wolof outra coisa além de um exemplo válido para cada nacionalidade. É óbvio que se conseguirmos indicar uma solução para o problema das minorias dentro da estrutura da nacionalidade wolof, expressar nas línguas conceitos matemáticos, físicos, etc., para traduzir textos de todos os tipos, o exemplo é válido também para as línguas de outras nacionalidades.

Embora tenhamos nos esforçados ao máximo para eliminar os aspectos fastidiosos da linguística, a leitura desta segunda parte não será como a de um romance. O parentesco entre Wolof-Diola-Seereer-Peúle-Baguirmano-Ronga-Egípcio-Sara, longe de surpreender o leitor, deve revelar uma profunda identidade de origem cultural que faça que as línguas africanas formem uma grande família comparável à família indo-europeia.

Diante dos exemplos escolhidos, um intelectual urbano poderia reagir desfavoravelmente ao constatar que seriam necessárias horas para compreender os textos traduzidos em wolof e que, portanto, tal tentativa não há nada de prático. Ele esquece nesse momento que seu caso é excepcional, e que se os 99,99% do povo wolof, que vive no interior do país e de quem ele é totalmente isolado, tivessem sua formação intelectual ou soubessem os caracteres fenícios usados, leriam esses textos com uma facilidade desconcertante. Este intelectual aparece, por conseguinte, como um termômetro que nos permite medir o grau de perigo da alienação cultural que estamos sofrendo. Ele deve fazer, portanto, assim como os intelectuais irlandeses mencionados nessa obra, que para escapar de tal ameaça se esforçaram para reaprender sua língua materna.

\*  
\*\*

*O conjunto do trabalho é um esboço onde faltam todas as perfeições de detalhes. Era humanamente impossível para somente um indivíduo trazê-los: poderia ser somente o trabalho de várias gerações africanas. Estamos conscientes e nossa necessidade de rigor sofre: no entanto as grandes linhas são sólidas e as perspectivas justas.*

## ANEXO 16 - INTRODUÇÃO

### INTRODUÇÃO

Supomos, com a egiptologia moderna, que os egípcios fossem uma raça branca. Eles tiveram contemporâneos, gregos e romanos, lado a lado. Estes tinham o espírito



científico e filosófico, assim como os Ocidentais modernos. Eles escreveram sobre todos os eventos de seu tempo; em particular, eles falaram de sua própria história e de sua raça como as de outros povos contemporâneos. Eles eram, portanto, bem posicionados para informar a posterioridade sobre as características étnicas dos povos que viviam ao redor do Mediterrâneo, e eles não deixaram de fazê-lo.

O conjunto desses testemunhos pareceu tão preciso após verificação que ao escrever a história da antiguidade praticamente copiamos os Antigos: Heródoto, Diodoro, Estrabão, Plínio, Tácito, etc.

Ora, esses autores cujos escritos se mostraram com surpreendente exatidão sobre acontecimentos e questões às vezes muito delicadas e muito complexas, nos informaram unanimemente a respeito do fato que estava diante de seus olhos e sobre o qual não podiam enganar-se: a raça dos egípcios. Todos nos mostram que os egípcios eram pretos, assim como os etíopes e os outros africanos; que o Egito civilizou o mundo. Se a ideia dos modernos de que os pretos sempre viveram sob o domínio dos brancos e nunca tiveram um papel na história que tivesse fundamento, deveria ter sido mais verdadeira na antiguidade. O complexo de superioridade do ancestral branco do egiptólogo moderno deveria ser então muito mais denunciado, e nenhum desvio, nenhuma confusão, nenhum acaso deveria permitir encontrar nesses escritos tais testemunhos sobre o povo egípcio. Não se pode tentar atenuar seriamente o valor desses testemunhos porque os Antigos, como "terríveis crianças", não paravam de repetir como uma evidência sobre a qual apoiavam-se para justificar a origem de tal ou tal costume que os gregos tomaram emprestado dos pretos do Egito. A atitude atual consiste não em servir-se desses testemunhos como primeiros materiais da ciência egiptóloga, mas em iniciar a "ciência" com a refutação, a qualquer preço desses "disparates": essas frases são "absurdas"; é como se, de repente, os especialistas perdessem o sentido das palavras, como se estes, espontaneamente, tivessem revestidos de um sentido exotérico. É o que explica a sensação de vazio que toma o leitor – apesar da sábia complicação das obras – na presença dos capítulos a respeito da origem dos egípcios. Alguns até mesmo afastam-se conscientemente do sentido original e entregam ao público traduções nas quais tenta-se atenuar o sentido das palavras, substituindo “negro” por “moreno”. Não seria possível pretender ter um espírito científico sem a capacidade de admitir o inusitado, e uma questão muito grave se coloca: qual poderia ser a atitude dos que rejeitam sistematicamente esses documentos escritos quando encontram no terreno das escavações testemunhos materiais (múmias pretas, pinturas, etc.) que confirmam as constatações dos Antigos? Que destino foi reservado para esses documentos? Milhares de múmias foram

destruídas: como eram elas? Os fatos eram rebeldes, foi necessário forçá-los a enquadrar-se nas ideias a priori.

## ANEXO 17 – NOTAS BIOGRÁFICAS

### Notas biográficas

Aqui disponibilizamos algumas notas biográficas para o leitor não especialista.

AMELINEAU: *Abade* Emile (1850-1915). Arqueólogo francês e professor de História das religiões na Escola prática de Altos Estudos, Paris. Ele realizou escavações em Abidos e atribui-lhe a descoberta do túmulo de Osíris.

ARAMBOURG: Camille (1885- 1969). Paleontólogo e antropólogo francês; professor no Museu Nacional de História Natural de Paris.

BACHOFEN: Johann Jakob (1815-1887). Jurista e " filósofo de história " suíço.

BATOUTA: Ibn (1304-1377). Escritor e viajante muçulmano nascido em Tânger. Ele visitou o antigo Império do Mali em 1352. Segundo Basil Davidson (cf. *The African Past*, p.80), " sua narrativa se mantém a melhor do gênero".

BAUMANN : Hermann (1902-1972). Antropólogo alemão.

BORY DE SAINT-VINCENT : Jean-Baptiste-Marcellin, *barão* (1778-1846). Naturalista francês, um dos colaboradores do *Dicionário Clássico de História Natural* (Paris, 1822-1831).

BOULE: Marcellin (1861-1942). Erudito francês. Diretor do Instituto de Paleontologia Humana; professor no Museu Nacional de História Natural.

BREASTED: James Henry (1865-1935). Egíptólogo estadunidense; professor de egíptologia na Universidade de Chicago desde 1895; Diretor do *Instituto Oriental* desde 1919; escritor prolífero.

BREUIL: *Abade* Henri (1877-1916). Arqueólogo francês, especialista do Paléolítico. " Ele estudou todas as principais cavernas na Europa, foi para o Saara para descobrir outras e explorou rochedos decorados do Chifre da África (...) " (cf. K.E. Meyer: *The Pleasures of Archeology*, Atheneym, New York, 1971, p.37).

BRION : Marcel (1895-1984). Crítico de arte e romancista francês. Autor de livros de arqueologia, pintura alemã, arte romântica, etc. Membro da Academia francesa (1964).

BRUGSCH: Karl Heinrich (1827-1894). Egíptólogo alemão. Diretor da Escola de Egíptologia do Cairo (1870-1879); professor em Göttingen, na Alemanha (1868); publicou entre outras obras o *Dicionário geográfico do antigo Egito* (Leipzig, 1879-1880).

BUDGE : *sir* Ernest Alfred Wallis (1857-1934). Estudioso britânico; colecionador de antiguidades do *Museu Britânico*; funcionário do museu.

CAILLIAUD: Frédéric (1787-1869). Mineralogista e viajante francês. Ele visitou o Egito pela primeira vez em 1815 e foi contratado para descobrir as minas de esmeralda descritas pelos historiadores árabes. Ele revisitou o país em 1819; em 1821 ele explorou o Alto-Nilo e descobriu as ruínas de Meroe.

CAPART: Jean (1877-1947). Egíptólogo belga e especialista da arte egípcia. Diretor do Museu Real de Bruxelas; conselheiro do *Museu de Brooklyn*.

CHAMPOLLION: Jean François chamado de o Jovem (1790-1832). Era conhecido como " o fundador da egiptologia " porque ele foi o primeiro a conseguir decifrar os hieróglifos. Linguista precoce e talentoso, ele aprendeu seis línguas orientais assim como o grego e o latim com dezesseis anos; ele lecionou primeiramente em Grenoble, e foi nomeado para o Collège de France, em 1831.

CHAMPOLLION-FIGEAC: Jacques-Joseph (1778-1867). Filólogo francês interessado em arqueologia egípcia, ele educou seu famoso irmão mais novo. Professor de grego e bibliotecário em Grenoble, na França. Mais tarde, ele foi nomeado Diretor do Departamento dos manuscritos da Biblioteca Nacional, em Paris.

CHERUBINI: Salvatore (1797-1869). Artista italiano, filho do compositor. Ele acompanhou Champollion no Egito em 1828. Ele naturalizou-se francês e foi nomeado Inspetor das Belas Artes.

CHILDE: V. Gordon (1892-1957). Pré-historiador, professor de arqueologia pré-histórica na Universidade de Edimburgo, na Escócia; diretor do Instituto de Arqueologia da Universidade de Londres (1946-1956). Entre seus trabalhos: *Man Makes Himself* (1951) [A evolução cultural do homem, 1966] e *What Happened in History* (1954) [O que aconteceu na história, 1973].

CONTENAU: Georges (1877-1964). Orientalista francês; especialista em estudos persas e babilônicos; funcionário do Museu do Louvre.

DELAFOSSÉ: Maurice (1870-1926). Africanista francês; autor de um livro sobre os Negros da África e outras obras relacionadas à África Ocidental " francesa ".

DESPLAGNÉS: Louis (1878-1914). Arqueólogo francês.

DIEULAFOY: Marcel-Auguste (1844-1920). Arqueólogo francês, ele realizou escavações em Susa, no Irã.

DIODORE DE SICILE: historiador grego (100 a.-C.). Originário da Sicília, ele viveu em Alexandria, no Egito e em Roma, na Itália.

FRAZER: *sir* James George (1854-1914). Antropólogo escocês. Historiador das religiões primitivas e da mitologia; autor de *O Ramo de Ouro*.

FROBENIUS: Leo (1873-1938). Etnólogo alemão que empreendeu 12 expedições na África entre 1904 e 1935.

FURON: Raymond (1898-1986). Geólogo francês; antigo presidente do Instituto de Geografia Nacional, professor na Universidade de Paris, França. Autor de várias obras sobre a geologia da África, a paleontologia, o Irã, o problema de água, etc.

GOBINEAU : Joseph-Arthur *conde* de (1816-1882). Autor e diplomata francês cujas teses racistas influenciaram os Nazistas.

GRIAULE: Marcel (1898-1956). Etnólogo francês, a maioria de suas pesquisas se concentraram nos Dogons, grupo étnico da região do Mali.

HADDON: Alfred Cort (1855-1940). Antropólogo britânico. Professor de zoologia em Dublin, na Irlanda (1880). Em 1895 foi nomeado Mestre de Conferências de Antropologia Física em Cambridge, Inglaterra (sua *alma mater*).

" A vida de Haddon é, em grande parte, a história da antropologia moderna " (cf. A. H. Quiggin: *Haddon The Head-Hunter*, Cambridge University Press, 1942).

HAMY: Ernest-Théodore (1842-1908). Antropólogo francês. Professor do Museu Nacional de História Natural, em Paris, França. Ele escreveu sobre a idade da pedra no Egito e sobre as raças humanas percebidas nos monumentos. Membro do Instituto.

HARTMANN: Eduard *von* (1842-1906). Filósofo e erudito alemão.

HERODOTO: (484 ?-425 ? av. J.-C.). Historiador grego conhecido como "o pai da história ".

HOEFER: Ferdinand (1811-1878). Estudioso francês. Autor de vários trabalhos relacionados à Caldeia, Assíria, Medo, Babilônia, Mesopotâmia e Fenícia. Além disso, ele escreveu obras sobre a África Austral, química, botânica e matemática.

HOUSSAYE: Frédéric-Arsène (1860-1920). Naturalista francês.

JEFFREYS: Mervyn David Waldegrave. Ex-comandante do Círculo (província) em Bamenda (Camarões " britânico ") que em 1944 " trabalhou com os Negros da África ocidental durante 25 anos ".

KÂTI: Mahmud (1468-1552 ou 1593). Estudioso soninke ou sarakole que trabalhara com Askia Muhammad; autor de *Tarikh el Fettach*.

KHALDOUN: Ibn. Historiador árabe do século XIV.

LARREY: Dominique-Jean *barão* (1766-1842). Cirurgião militar francês. Ele acompanhara Napoleão no Egito.

LEAKEY: Louis Seymour Bazett (1903- 1972). Arqueólogo britânico nascido em Kabete, Quênia; filho de missionários ingleses. Conservador do *Coryndon Memorial Museum*, Nairóbi, Quênia (1945-1961). Famoso por suas escavações importantes, ele descobriu o zinjantropo (Paranthropus Boisei) no Quênia (Olduvai). Membro da *British Academy*, titular da " *Royal Medal* " da *Royal Geographical Society*.

LENORMANT : François (1837-1933). Arqueólogo francês ; membro da *Académie des inscriptions et belles-lettres*. Professor na Biblioteca Nacional, ele fundou a *Gazette archéologique* em 1875.

LEPSIUS: Karl Richard (1810-1884). Egíptólogo alemão; curador das coleções egípcias em Berlim a partir de 1865.

LÉVY-BRUHL: Lucien (1857-1939). Sociólogo francês, ele publicou obras sobre a mentalidade e a alma primitivas.

LINNÉ: Carl *von* (1707-1778). Naturalista sueco.

LLOYD: Seton (1902-1996). Arqueólogo britânico. Ele realizou escavações no Egito (1929-1930), no Iraque (1930-1937) e na Turquia (1930-1937). Diretor do *British Institute* em Ankara, Turquia (1949-1961); professor de arqueologia do Oeste Asiático na Universidade de Londres (1962-1969). Atualmente, professor honorário.

MAES: Joseph. Etnólogo belga, ele publicou vários estudos sobre as etnias do antigo Congo belga (e sobre os seereers, *op. cit.*).

MANETHO DE SEBENNYTOS: líder religioso egípcio (300 a. C.), ele escreveu uma crônica em grego sobre o Egito.

MASPERO: *sir* Gaston-Camille Charles (1846-1916). Egiptólogo francês. Diretor de Serviços de Antiguidades no Egito (1881-1886, 1899-1914). Professor de egiptologia em Paris, França à partir de 1869; autor prolífero; criado cavaleiro por Edouard VII. Membro da Academia Francesa (1883).

MONOD: Théodore (1902-2000). Geólogo francês. Antigo diretor do I.F.A.N., ele foi um dos primeiros exploradores do Sahara. Membro do Comitê de Patrocínio de *Présence Africaine* em sua criação, ele dirigiu a edição especial da revista sobre *Le monde noir* (*O mundo negro*).

MORET: Alexandre (1868-1938). Egiptólogo francês, aluno de Maspero. Diretor da *École Pratique des Hautes Études* (1899-1938); professor no *Collège de France* (1923); membro da Academia Francesa (1927).

NAVILLE: Henri-Edouard (1844-1926). Arqueólogo suíço; aluno de Lepsius. Ele realizou escavações no Egito (1883-1913).

PEDRALS: Denis-Pierre de (1911-1972). Arqueólogo francês.

PETRIE : *sir* William Matthew Flinders (1853-1942). Egiptólogo inglês. Autor prolífero, começou seus trabalhos no Egito em 1880. Diretor da *British School of Archeology* neste país e depois na Palestina. Professor de egiptologia na Universidade de Londres.

QUATREFAGES DE BRÉAU: Jean-Louis Armand de (1810-1892). Naturalista francês. Professor do Museu Nacional de História Natural (Paris, França); membro do Instituto.

QUIBBELL: James Edward (1867-1935). Arqueólogo britânico. Famoso por suas escavações em Sacara. Ele trabalhou no Departamento de Antiguidades e no Museu do Cairo. Assistente de Petrie (1894); ele descobriu a Paleta de Narmer.

REISNER: George Andrew (1867-1942). Egiptólogo americano, chamado " o melhor dos escavadores ". A partir de 1910, ele foi Curador das antiguidades egípcias no *Boston Museum of Fine Arts*. Professor de egiptologia em Havard (1914); diretor do " Havard Camp " nas Pirâmides.

SCHURÉ: Edouard (1841-1940). Estudante de direito, deixou seus estudos para tornar-se historiador e crítico de música. Sua obra *Les grands initiés* (*op. cit.*) trata das teorias ocultas dos fundadores de diversas religiões.

SELIGMAN: Charles Gabriel (1873-1940). Antropólogo britânico. Ele participou da expedição de Haddon no Estreito de Torrès e na Nova Guiné (1898). Ele foi nomeado pelo governo sudanês para fazer um levantamento etnológico (1909).

SERGI: Guiseppe (1841-1936). Antropólogo italiano.

SIEGFRIE: André (1875-1959). Economista e professor francês. Autor de obras sobre os países estrangeiros, incluindo os Estados Unidos. Durante uma conferência que ele deu em 1952 sobre o africano, ele afirmou que " O negro poderia ser um bom subalterno, mas (seria) um péssimo diretor ".

SMITH: *sir* Grafton Elliot (1871-1937). Anatomista britânico. Professor de anatomia na Escola de Medicina do Cairo, Egito (1900-1909); especialista em mumificação.

TEMPELS: *Padre* Placide (1906-1977). Missionário belga no Congo (ex-belga). Seu famoso trabalho *A Filosofia Bantou* foi publicado em Antuérpia, Bélgica, 1946.

VALLOIS: Henri-Victor (1889-1981). Antropólogo francês. Diretor do Instituto de paleontologia humana (Musée de l'Homme - Museu do Homem) em Paris, França.

VENDRYES: Joseph (1875-1960). Professor francês de linguística que enfatizou a importância desta disciplina como uma " introdução à história ". Ele escreveu os *Estudos Celtas*.

VOLNEY: Constatin-François de CHASSEBOEUF, *conde de* (1757-1820). Intelectual francês. Representante do Terceiro Estado, membro da Assembleia Geral (1790), da Academia francesa e da Sociedade dos Amigos dos Negros. Sua *Viagem ao Egito e à Síria* foi considerada como "uma obra-prima do gênero ". Ele escreveu sua obra mais famosa *As Ruínas ou Meditações sobre as revoluções dos impérios* em 1791. Preso durante o período "*La Terreur*", foi nomeado professor de história na Escola Normal (Paris, França) em 1792. Ele visitou os Estados Unidos em 1795 e foi recebido calorosamente por Washington. Ele retornou à França em 1798 e foi denunciado por John Adams como agente secreto com o objetivo de recuperar a Louisiana. Ele publicou seu *Quadro do clima e do sol dos Estados Unidos* (1803) e foi criado Conde por Napoleão cinco anos mais tarde. Em 1814, Louis XVIII o criou par da França.

WOOLLEY: *sir* Leonard (1880-1960). Arqueólogo britânico que realizou as escavações no Egito, no Iraque e na Síria. Durante a Primeira Guerra Mundial, foi preso pelos Turcos. Ele escreveu um volume sobre o Oriente Antigo para a *História do Mundo* (UNESCO).

CRÉDITO: As imagens das figuras a seguir se devem à gentileza do editor Lawrence Hill & Company, New York - Westport: Fig. 2, 3, 4, 5, 6, 8, 11, 12, 13, 14,15, 27, 34, 35, 38 a, 38 b, 39.

## ANEXO 18 - TABELAS

TABELA 1 : TRADUÇÃO DE ADJETIVOS

Classification	TP	TC	Commentaire
<u>adjectif</u>	aliénés	alienado	Devenu étranger à soi-même. [CNRTL]
<u>adjectif</u>	approprié	adequada	
<u>adjectif</u>	asservie	escravizado servo	Réduire à la servitude, à l'esclavage. [Source: App Le Robert]
<u>adjectif</u>	brun	moreno	
<u>adjectif</u>	caduque	obsoleta, caduca	
<u>adjectif</u>	conquérant	conquistador	
<u>adjectif</u>	déshérité	sem herança	
<u>adjectif</u>	fastidieux	fastidioso	Qui suscite de l'ennui par sa durée ou son aspect répétitif. [Source: CNRTL]   Que causa fastio, tédio; enfadonho; maçante, tedioso. [Fonte: AULETE]
<u>adjectif</u>	génial	brilhante	
<u>adjectif</u>	hyper-civilisé	hiper-civilizado	
<u>adjectif</u>	impérieux(euse)	imperioso	[Br] 1.que exige obediência; autoritário.
<u>adjectif</u>	mal	mau (adjetivo)	
<u>adjectif</u>	perfectionné	sofisticada	
<u>adjectif</u>	Périmé	ultrapassado	S'annuler, être frappé de nullité, cesser d'être valable à l'expiration des délais réglementaires fixés. [CNRTL]

<u>adjectif</u>	prolifique	prolífero	1. Que se reproduz em grande quantidade; fértil, fecundo, prolífico. 2. <i>fig.</i> que produz muito; produtivo, prolífico. [Fonte: Houaiss, 2015]
<u>adjectif</u>	raccordé	conectada	
<u>adjectif</u>	rechange	alternativa	
<u>adjectif</u>	répandue	divulgado	
<u>adjectif</u>	révolu (e)	terminado(a)	
<u>adjectif</u>	sacro-saint	sacro-santa	Qui est à la fois saint et sacré, qui a um caractère d'inviolabilité. [Source: CNRTL]
<u>adjectif</u>	Savant	Acadêmica(o)   cientista  sábio	
<u>adjectif</u>	tendre (enfance)	tenra (infância)	
<u>adjectif</u>	Torrent	torrencial	

TABELA DE TRADUÇÃO DE ADVÉRBIOS

Classification	TP	TC	Commentaire
adverbe	aube	Primórdios, aurora	
adverbe	cependant	no entanto	I. A. Exprime la concomitance. - avec une nuance d'opposition: marque une rupture, le passage à une étape nouvelle. [Source: CNRTL]]1. Enquanto isso, nesse meio tempo. 2. Contudo, ainda assim. [Source: AULETE]
adverbe	desormais	à partir de então	
adverbe	mal	mal (adverbio)	
adverbe	pourtant	no entanto	



adverbe	sciemment	conscientemente	En sachant précisément ce que l'on fait. [Source: CNRTL]
---------	-----------	-----------------	---

TABELA DE TRADUÇÃO DE EXPRESSÕES

Classification	TP	TC	Commentaire
expression	Afrique Noire	Africa Negra	
expression	Anciens (Majuscule)	Anciãos/ Antigos	
expression	arrière-pensée	pensamento retrogrado	
expression	arriver à se faire	conseguir se fazer	
expression	avoir du mal	ter dificuldade	
expression	biais quelqueconque	alguma forma	
expression	cécité culturelle	cegueira cultural	État d'une personne qui est privée de la vision. [CNRTL]
expression	c'est-à-dire	ou seja	
expression	coeur du combat (au)	meio do combate (no)	
expression	domaine de lieux communs	áreas de lugares comuns	
expression	échafaudages des théoriciens	monte de teóricos	
expression	évoque l'autruche (p.15)	como um avestruz	
expression	faire le frais	pagar	
expression	Il fit le tour du Paris progressiste	ele procurou por Paris progressista	
expression	Il y a lieu	Acontece, tem lugar	
expression	Je tiens à dire	Quero dizer que	
expression	Monde noir	Mundo Negro	
expression	pas de géant	passos largos	

expression	peu de chose près (à)	Quase	À peu de chose près: presque exactement, pratiquement, pour ainsi dire. [Source: App Dictionnaire Le Robert Dixel]
expression	racisme à rebours	racismo reverso	
expression	s'y prendre	se portar, fazer	
expression	tout de même		
expression	toute pièce (de)	à partir do zero	

#### TABELA DE SUBSTANTIVOS

Classification	TP	TC	Commentaire
nom	apport	contribuição	
nom	Avant-propos	Preâmbulo   Prefácio	A. Ce qu'on dit avant de venir au fait, quand on entreprend de raconter quelque chose. B. Courte introduction placée en tête d'un écrit d'une certaine longueur (livre ou ouvrage), généralement rédigée par l'auteur pour en faire connaître le contenu et le dessein poursuivi. [Source: CNRTL]
nom	baron	barão	Possesseur du titre de noblesse entre celui de chevalier et celui de vicomte. [Source: app Le Robert]
nom	biais		

nom	billevesée		Propos, écrit vide de sens et souvent erroné. [Source: CNRTL]
nom	bourgeois	burguês	
nom	cadre	Gestor quadro	
nom	cadre (entreprise)	âmbito (empresa)	2. Milieu physique ou humain dans lequel se déroule habituellement l'existence et l'activité d'une personne, d'un groupe.   3. Limites assignées à un sujet, à une matière, à un pouvoir. {loc.prép. <b>Dans le cadre de.</b> Dans les limites de} [Source: CNRTL]
nom	cénacle	cenáculo	<u>Local onde se servia a ceia; santa ceia. [1]</u>
nom	complaisance	complacência	Désir de faire plaisir, d'être agréable, de rendre service à autrui. Soins attentifs, délicatesses. [Source: CNRTL]   Disposição para comprazer outrem ao aceitar seu comportamento, atender suas vontades, satisfazer-lhe os gostos ou preferências etc.; [Source: AULETE]
nom	déposition	depoimento	Action de faire une déclaration en justice; le contenu de cette déclaration. [Source: CNRTL]
nom	effacement	apagamento	
nom	fecondité	fertilidade [Qualidade de ser criativo e produtivo - Fonte: AULETECALDAS]	C- <i>Au fig.</i> Production abondante et de grande valeur, dans le domaine intellectuel. [Source: CNRTL]
nom	fraternisation	Confraternização	

nom	indigène	Indígena	
nom	lettres (les)	letras (as) [ciência]	
nom	méconnaissance	ignorância	
nom	Nehesiou	Nehésis	Fonte: dicionário da antiguidade
nom	portée	Alcance	
nom	préalable (au)	previamente	
nom	puissance	Potência	
nom	raisonnement	raciocínio	
nom	recul	retrocesso	
nom	ressortissant	nacional, cidadão, retirante, emigrante	B. [En Afrique Noire] Natif d'une localité, d'une région, habitant en dehors de celle-ci. [Source: CNRTL]
nom	roman	narrativa   romance   literatura?	
nom	savant	Erudito   sábio   cientista   estudioso	o que tem ou demonstra erudição. Erudição: conhecimento amplo e variado, adquirido especialmente por meio de leitura e estudo. [Fonte: Houaiss, 2015]
nom	savants	cientistas   sábios	
nom	témoignage	Depoimento   testemunho	
nom	tronçon	parte   seção	[A propos d'une chose] Frangment, morceau coupé ou brisé d'un objet plus long que large. <i>Tronçon de bois, de concombre, d'épée, de lance, de tube.</i> [Source: CNRTL]
nom	vivification	Revitalização	Donner de la vie. [Source: CNRTL]
nom	vocable	Bandeira	

nom	Walaf   Valaf   Wolof   Uolove	Wolof	Em Francês a escrita pode ser de várias formas segundo o CNRTL   Dicionário da antiguidade   História Geral da África – UNESCO
-----	--------------------------------	-------	--

*TABELA DE TRADUÇÃO NÈGRE ET NOIR*

Classification	TP	TC	Commentaire
nom et adjectif	Nègre	Preto	Substantivo em fr usado em maiúsculo.
nom et adjectif	Noire	Negro	Substantivo em fr usado em maiúsculo.

Classification	TP	TC	Commentaire
nom masculin	abbé	abade	Supérieur d'un monastère d'hommes. Titre donné à un prêtre séculier. [Source: app Le Robert]
nom masculin	comte	conde	Noble dont le titre, conféré par le souverain ou reçu en héritage, se situe entre ceux de marquis et de baron .[Conte;Vicomte;Baron;Chevalier] [Source: CNRTL]
nom masculin	détroit	estreito	Espace de mer étroit entre deux terres, qui met en communication deux étendues marines. [Source: CNRTL]
nom masculin	recto	frente	recto verso: frente e erso [Source: app Le Robert]
nom masculin	zinjanthrope	Paranhtropos Bosei	[Source: <a href="https://pt.wikipedia.org/wiki/Paranthropus_boisei">https://pt.wikipedia.org/wiki/Paranthropus_boisei</a> ]

TABELAS DE TRADUÇÃO DE SUBSTANTIVO PRÓPRIO

Classification	TP	TC	Commentaire
nom propre	Baguirmien (peuple)	Barguimiano	Dicionário da Antiguidade
nom propre	Bambaras (peuple) [Bamanas]	Bambara	[FR: Dixel] Peuple mandingue établi au Mali, au Sénégal et au Burkina Faso. Les Bambaras fondèrent au XVIIIe s. le royaume de Ségou.
nom propre	Cap (le)	Cidade do Cabo	
nom propre	Chaldée	Caldéia	
nom propre	Côte d'Ivoire	Costa do Marfim	
nom propre	Diodore	Diodoro	
nom propre	Diola (peuple)	Diola	Enciclopédia da Diáspora
nom propre	Egyptien (peuple)	Egípcio	
nom propre	Guinée (pays)	Guiné	
nom propre	Hérodote	Heródoto	
nom propre	Kenya	Quênia	
nom propre	Niger (pays)	Niger	
nom propre	Partit Communiste Bolchevik	Partido Comunista Bolchevique	
nom propre	Peul (peuple)	Peúle, fula, fulâni	Fonte: dicionário da antiguidade
nom propre	Pline	Plínio	
nom propre	Ronga (peuple)	Ronga (povo e língua)	
nom propre	Sara (peuple)	Sara (mantido como o original)	
nom propre	Sérère (peuple)	Seereer	Fonte: História Geral da Africa – UNESCO
nom propre	Strabon	Estrabão	
nom propre	Tacite	Tácito	

nom propre	Yorouba (peuple)	Iorubá	[FR: Dixel] Peuple d'Afrique de l'Ouest (Nigeria, Bénin, Togo0, parlant une langue kwa. Environ 30 millions.
nom propre	Zoulou (peuple)	Zulu	Afrique du Sud, Zimbabwe

TABELA DE VERBOS

Classification	TP	TC	Commentaire
verbe	aboutir	conduzir   chegar	Toucher un bout, trouver un terme, avec ou sans nuance d'effort. [Source: CNRTL]
verbe	améner	Conduzir	
verbe	astreindre	Esforçar	assujettir quelqu'un à quelque chose, lui imposer une règle, une discipline ou bien un acte, qui revêtent un caractère d'obligation rigoureuse. [Source: CNRTL]
verbe	Cerner	identificar/limitar	
verbe	côtoyer	acotovelar-se   estar lado a lado.	
verbe	doper	Dopar	
verbe	égarer	enganar, extraviar	
verbe	emparer (s')		Prendre possession de quelque chose. Se rendre maître de quelque chose, prendre (par la force, l'habileté, la ruse, etc.) un bien appartenant à autrui. [Source: CNRTL]
verbe	Encroûter	Incrustar	[HOUAISS. 1. revestir de crosta, depósito etc., cobrir.]
verbe	enrayer	travar, parar, impedir	<a href="#">[FR]</a>
verbe	envisager	Visualizar	

verbe	épanouir	desabrochar, desenvolver	
verbe	épiloguer	Epilogar	
verbe	éprouver		1. Soumettre une (ou la) qualité d'une personne ou d'une chose à une expérience susceptible d'établir la valeur positive de cette qualité. 2. Faire subir à quelqu'un une expérience pénible.[Source: CNRTL]
verbe	evoquer	evocar	[BR.Houaiss]: 1. chamar (algo,ger.sobrenatural), fazendo com que apareça.2. trazer a memória, relembrar.
verbe	frémir	emocionar/tremer	
verbe	inoculer	inocular	[BR.Aulete]: 4. Fig. Inculcar (ideias, conhecimento etc.) em (alguém, um grupo etc.). [tdr. + em : Inoculou ideias subversivas nos grevistas.]
verbe	oser	atrever	
verbe	pencher (sur)	inclinar-se, debruçar-se	
verbe	perir	perecer	
verbe	raisonner	raciocinar	
verbe	risquer	perigo (verbo)	
verbe	s'épanouir		
verbe	S'acharner	persistir, ser obstinado à	
verbe	Saisir	Entender	
verbe	sauvegarder	manter	
verbe	Se livrer	se envolver, se entregar	



verbe	s'évertuer	[adaptação contexto com "arduamente"]	s'agiter, bouger, remuer. Faire des efforts, se donner beaucoup de peine. [Source: CNRTL]
verbe	suplanter	suplantar.	
verbe	supplanter.		

## BIBLIOGRAFIA

BERMAN, Antoine. A tradução e a letra ou o albergue do longínquo. 2013.

BRANCO, Lucia Castello. A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português. **Belo Horizonte: Fale/UFMG**, 2008.

DIOP, Cheikh Anta. **Nations nègres et culture**. Éditions africaines, 1979.

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. Ateliê, 2009.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. **Rio de Janeiro: Cobogó**, 2019.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. **São Paulo: Companhia das Letras**, 2019.

QUEIROZ, A. C. Politicamente correto e direitos humanos. Brasília, DF: SEDH, 2004. 88 p.

CULTNE – Acervo da Cultura Negra. Entrevista com Lélia Gonzalez disponível em <http://www.cultne.com.br/doc-mulhsser-negra-1/> (acesso em 12 de 2019)

CÉSAR, Júlio. Comentários sobre a Guerra Gálica, tradução de Francisco Sotero dos Reis. **Rio de Janeiro: Ediouro**, sd.

GORDON, Lewis R., “Prefácio.” in: FANON, Frantz, *Pele negra, máscaras brancas*. **Bahia: Editora Edufba**, 2008.

Filme *Les statues meurent aussi (As estátuas também morrem)* <https://www.youtube.com/watch?v=hZFeuiZKHcg> [Film : les statues meurent aussi. Direction de Allain Resnais et Chris Marker – Film produit sous la demande de la maison d’Edition Présence Africaine.] Acesso em 11/10/2019

[https://www.lemonde.fr/livres/article/2011/01/27/alioune-diop-le-socrate-noir-de-philippe-verdin\\_1471246\\_3260.html](https://www.lemonde.fr/livres/article/2011/01/27/alioune-diop-le-socrate-noir-de-philippe-verdin_1471246_3260.html) [Acesso em 01/11/2019]

<http://www.presenceafricaine.com/info/8-maison-d-edition> (texte sur la maison d'édition) [Acesso em 02/10/2019]

[http://www.cheikhantadiop.net/cheikh\\_anta\\_diop\\_biograph.htm](http://www.cheikhantadiop.net/cheikh_anta_diop_biograph.htm)[acesso em 02/10/2019]

<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/education/inclusive-education/general-history-of-africa/> [acesso em 02/10/2019]

<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000110340> [acesso em 05/10/2019]

[https://www.monde-diplomatique.fr/1998/01/HERVIEU\\_WANE/4285](https://www.monde-diplomatique.fr/1998/01/HERVIEU_WANE/4285)

<http://loidici.org/loi/2019/02/16/cheick-anta-diop-scientifique-senegalais/autres-fiertes-africaines/> [acesso em 08/10/2019]

[http://www.ankhonline.com/informations\\_generales.htm](http://www.ankhonline.com/informations_generales.htm) [acesso em 10/10/2019]

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/02/1861719-a-deturpacao-da-critica-de-arthur-de-gobineau-a-miscigenacao.shtml> [acesso em 09/10/2019]